CAPÍTULO I

NATUREZA DA PARAPSICOLOGIA

1. FENOMENOLOGIA

Visitei, uma vez, uma casa "assombrada". Assim é chamada pela gente do povo. Estranhos fenômenos haviam sido comprovados nas casas de uma tranqüila fazenda rural, na região noroeste do Estado de São Paulo. Tudo começou no dia 20 de agôsto de 1967. Dona Maria, viúva de 47 anos, saiu assustada de sua casa, onde vivia só, assegurando a todos os vizinhos que havia visto cair do telhado, repetidas vêzes, grãos de milho. Entretanto, no telhado não podia haver grãos de milho... Pouco depois, os grãos se introduziam no congelador fechado. Caíam pedras do telhado, no qual, no entanto, não se encontrou nenhuma abertura.

Na pequena casa, mal-mobiliada, ninguém podia ter se escondido sem ser visto por Dona Maria. A casinha estava bastante afastada das outras. Ao redor, não havia nenhuma árvore, nenhum esconderijo. Entretanto, quinze dias depois, quase simultâneamente, se abriram a porta e algumas janelas. Pedras e pedaços de madeira entravam na casa.

Dona Maria fugiu aterrorizada até a casa do administrador da fazenda. Imediatamente, o administrador e

mais dez pessoas viram, latas deslocando-se, pedras caindo, vidros dás janelas rompendo-se, tesouras voando em esquisitas parábolas.

O pânico tomou conta de tôda a fazenda. Durante os dias seguintes, nas cinco casas habitadas da fazenda, se registraram estranhos ruídos, movimentos de objetos, etc... Meio tijolo caiu, verticalmente, com notável força, diante do administrador, nas circunstâncias mais inexplicáveis.

O pároco do povoado pensou que os fenômenos se deviam ao demônio. O "babalaô" afirmou que eram os espíritos dos mortos. Nem a bênção do padre, nem os defumadores do umbandista obtiveram algum resultado. Quase tôdas as tardes, depois das seis horas, repetiam-se os mesmos fenômenos.

MUITOS FATOS E MUITAS INTERPRETAÇÕES

Milhares de casos semelhantes têm sido estudados nos últimos anos, investigando-se com o maior rigor "policial". O sábio pesquisador moderno ERIC J. DINGWALL, entre, outros, publicou recentemente uma obra, na qual se prova que as casas "assombradas" sempre existiram, desde as civilizações mais antigas, em todos os continentes.

Ao longo da história os homens vêm atribuindo a responsabilidade de tais fenômenos a ondmas, fadas, gnomos, gênios, pitões, larvas astrais, "poltergeists", etc... Por que inventar tais sêres do além?

Por que haveriam de ser os demônios? Que proveito tirariam os demônios daquelas famílias tradicionais e honradas, católicos praticantes, trabalhadores? Começaram a rezar mais. Tôdas as tardes se reuniam os moradores todos daquela fazenda para rezar o têrço... (e os fenômenos continuavam...).

Por que teriam que ser os espíritos dos mortos? Se os espíritos dos mortos tivessem força para realizar êstes prodígios, os espíritos dos vivos também a deveriam ter. Dizem que os espíritos dos mortos, para agir, precisam dum corpo. Daí, a exigência de um médium. Mais fácil, pois, será para o espírito do vivo produzir o fenômeno, pois êste já tem o próprio corpo que anima. Aliás, se o espírito do morto necessita do corpo para agir, como atua sôbre o corpo do médium?

E como as casas "assombradas", existem mil outras espécies de fenômenos misteriosos, sempre em conexão com o homem, antigo ou moderno, culto ou ignorante. Prevêem-se acontecimentos com antecipação de 20, 30, 100 dias, quando era impossível sua previsão por vias normais. Os fatos comprovam os prognósticos: foram pre^ nunciados com bastantes detalhes a tragédia do Titanic, a queda do dirigível Alitália, o assassinato do presidente Kennedy... U'a mãe sonha com fatos da vida do filho que vive a milhares de quilômetros de distância...

E o que dizer de uma mesa que se levanta pelos ares, desafiando, ao menos aparentemente, a lei da gravidade? O que pensar de um ignorante e analfabeto que, de repente, começa a falar em línguas estrangeiras? Qa_iiabitantes de certos povoados da índia, do Tibet, do México,, da Espanha e da França passam com os pés descalços-" sôbre brasas, sem sentir dor ou sofrer queimaduras. Fa-. Ia-se de curas extraordinárias realizadas por feiticeiras e curandeiros. Podêres singulares são atribuídos a feiticeiros, faquires, iogues... Enfim, inumeráveis são os fenômenos assombrosos e incríveis, em tôdas as partes e em tôdas as épocas.

Existem êstes fenômenos? Como se explicam? Os sábios, pronunciando-se sem prévio estudo, não seriam tão supersticiosos quanto os próprios supersticiosos?

Surgiu um novo ramo da Psicologia, a PARAPSICOLOGIA, que estuda todos estes fenômenos. Tais fenômenos (prescindindo dos raríssimos milagres) são fenômenos humanos, das forças "ocultas" do próprio homem. Esta é a conclusão da Parapsicologia.

No dia 28 de outubro de 1964, em plena ebulição dos fenômenos, fui convidado, como parapsicólogo, para visitar a fazenda "mal-assombrada". Expliquei aos assustados moradores que se tratava de um caso de psicorragia (liberação das forças psíquicas do inconsciente humano), primeiramente da viúva Dona Maria (já internada). Houve também efeitos polipsíquicos: meninas adolescentes aterradas e mulheres em gestação (que mais facilmente se contagiam psiquicamente) colaboraram dum modo destacável, libertando suas forças inconscientes. Depois de algumas horas de explicação, voltaram todos à tranqüilidade. Recomendei calma, relaxamento neuromuscular, atitudes serenas de meros espectadores. E, naquela mesma tarde, os fenômenos já não se repetiram...

Os ANTECESSORES DA PARAPSICOLOGIA

A Parapsicologia, como ciência universitária, é muito recente, mas seus preâmbulos são antigos, como os de tôdas as ciências de hoje. A Química foi precedida pela alquimia megalomaníaca e a Astronomia pela astrologia supersticiosa. Também a Parapsicologia teve seus predecessores plebeus.

OS ANTIGOS INICIADOS

Parece que na investigação dos fenômenos "ocultos", os antigos iniciados da índia chegaram muito longe. Parece que os iniciados da Caldéia e do Egito receberam dêles seus segredos. Êstes segredos eram ocultos aos profa-

nos com sigilo rigorosíssimo. Os conhecedores das explicações eram muito poucos e os praticantes, mais numerosos, que realizavam os prodígios, ignoravam muitas vêzes suas explicações profundas e verdadeiras, atribuindo-os, erradamente, à intervenção de diferentes forças extraterrenas.

Há autores que afirmam que as explicações naturais e verdadeiras estavam anotadas nos manuscritos guardados com tanto desvelo na biblioteca de Alexandria. Há, certamente, indícios históricos disto, mas é difícil saber o peso exato desta afirmação, inclusive, concedendo que, então, houvesse chegado até onde, hoje, tanto custou chegar, aquela ciência nos foi inútil, pois tudo desapareceu no incêndio da biblioteca de Alexandria, nos tempos de Teodósio.

Destruídos os manuscritos e dispersos os práticos da magia (ignorantes, por outro lado, das explicações), a fenomenologia continuou sendo algo misterioso, sobrenatural, na mente do povo.

LUZES ISOLADAS

A ciência oficial, por sua parte, "ignorava" estas "lendas". Somente de vez em quando surgiram alguns investigadores isolados, chamados ocultistas, que faziam brilhar pequenas claridades de verdade, misturadas, entretanto, com muitos erros. Assim, por exemplo, BASÍLIO, VALENTINO, PARACELSO, AVICENA e AGRIPA.

Entretanto, tão pouca era a verdade escondida nas trevas do ocultismo que AGRIPA, ao final de sua vida, teve que retratar-se de uma grande parte de sua obra: "É verdade que, sendo jovem, eu mesmo escrevi três livros Móbre magia, que intitulei "Filosofia oculta". Quantos eiros cometi então? Hoje, tornando-se mais prudente,

devo refutá-los publicamente e reconhecer que perdi muito tempo com essas futilidades". Retratação que tomamos como sintomática da pouca luz, que há no ocultismo.

O CRISTIANISMO ENFRENTA A MAGIA

O Cristianismo, desde sua origem, adotou uma posição clara diante destas mui superstições que se imiscuíam neste tipo de fenômenos.

A cidade de Éfeso era famosa por seus livros de magia e por suas artes mágicas, muito freqüentes naquela cidade.

O evangelista ;São Lucas narra como muitos daqueles que haviam exercido a magia e a feitiçaria levaram seus livros ao apóstolo São Paulo, que organizou uma fogueira em presença de todos. Simão, o mago, "que havia enganado ao povo", foi expulso da Igreja por pretender comprar com dinheiro os podêres de São Pedro e São João, os quais êle considerava magos.

Os Santos Padres e Escritores Eclesiásticos se referem inúmeras vêzes a fenômenos "misteriosos". Tertuliano, por exemplo, no século II, fala das "evocações dos mortos", adivinhações, sonhos provocados (hipnose ou transe), movimentos de mesas que respondiam perguntas ao contato das mãos, assim como de outros prodígios associados a superstições, "com os quais enganam ao povo".

A filosofia alexandrina, com a qual Juliano, o Apóstata, pretendia subjugar o Cristianismo, tinha por dogma fundamental a "evocação dos mortos" e apresentava os fenômenos usuais do espiritismo.

A paixão pelo ocultismo e pelos fenômenos maravilhosos existia em tôdas as classes sociais, como afirmam S. Gregório de Niza, Lactâncio, etc.

AS FOGUEIRAS HUMANAS

Durante vários séculos, o ambiente de "bruxaria" infestou a Europa. Na Inglaterra, em Pendle Forest, Lancashire, um menino caluniador acusa de bruxaria à Sra. Dickenson e a outras vinte subalternas suas, da vizinhança. Pelo "sólido" testemunho de um menino de doze anos oito destas mulheres foram queimadas vivas.

O Pe. HEREDIA S. J. resumindo mais de dez autores, afirma que, somente na Escócia, no curto período que vai da execução de Maria Stuart até a coroação de seu filho como rei da Inglaterra, isto é, 32 anos, foram executadas 1.700 bruxas. Em Genebra (Suíça), em três meses somente, foram queimadas 500 bruxas, de acordo com" a "Chamber's Encyclopedia". Segundo a "New Internacional Encyclopedia", 7.000 bruxas foram queimadas, em poucos anos, em Tréveris. A "Nelson's Encyclopedia" afirma que a bruxaria custou, somente na Alemanha, 100.000 . vidas.

Os prodígios realizados ou atribuídos às bruxas ultrapassam a tudo o que foi realizado ou atribuído aos médiuns espíritas, aos faquires, aos iogues da índia, aos aisauas da África ou aos lamas do Tibet.

Com tantos processos e debates, foram se extinguindo as fogueiras contra as bruxas e se percebendo cada vez mais a necessidade da instalação de hospitais para cicatrizar as feridas por onde escapavam as forças psíquicas, responsáveis por aquêles fenômenos. Pouco a pouco, a Medicina foi compreendendo o papel do psiquismo humano na bruxaria. O primeiro hospital para bruxas foi fundado no ano de 1425, por Alfonso V, em Saragoça, Espanha, "berço da psiquiatria", como a chamou o psiquiatra norte-americano Peter Bassoe. Um século de-

pois, a Inglaterra abriu seu primeiro hospital para bruxas: Beclan, 1547. Dois séculos mais tarde, a França segue o mesmo exemplo: Paris, 1741. jx"

OS PODERES DO MAGNETISMO HUMANO

Já no século XVIII, o Dr. FRANZ ANTON MESMER, uma curiosa mistura de gênio, pesquisador e charlatão, assombrou a Europa com seus prodígios. Muitíssimas pessoas, loucos e neuróticos, paralíticos, cegos e mudos, reumáticos e alérgicos eram curados pela imposição das mãos de Mesmer. Sob a influência de Mesmer, delicadas senhoritas se contorciam violentamente sem "se quebrar". Podiam receber fortes bordoadas sem sentir nada, podiam realizar profundas operações cirúrgicas sem dor e sem sangue... Posteriormente, tão grande era a afluência de toda a classe de enfermos, que Mesmer teve que servir-se de "água curadora" e de varinhas "magnetizadas" para poder curar em massa.

Sábios como PUYSEGUR, DELEUZE, POTET e outros aprofundaram mais no mesmo sentido, no século passado. As escolas de hipnotismo do hospital de Salpetrière, sob a direção de CHAROOT, e do hospital de Nancy, dirigido pelo Dr. BERNHEIM, lançaram nova luz sobre os podêres psíquicos do homem, especialmente no que se refere a curas extraordinárias, à resistência, à dor e à fadiga e às "adivinhações", incluindo as adivinhações a enorme distância e com referência ao futuro.

À MARGEM DA CIÊNCIA

No final do século passado, a escola de neo-ocultismo, dirigida por ELIPHAS LEVI, STANISLAS DE GUAITA, PAPUS, etc., tenta reconstruir os conhecimentos dos antigos iniciados.

Porém, os esforços são pouco proveitosos para a ciência, por misturarem a verdade com os erros, sem critério diferencial suficiente. Os antigos também encobriam seus segredos com expressões que somente eram decifráveis aos iniciados. Os neo-ocultistas, ao imitá-los, insistiram demasiadamente nos enredos.

Existe aqui um detalhe característico: o mais destacado, talvez, dos neo-ocultistas foi ELIPHAS LEVI (Alphonse Louis Constant), porém é sabido que nos últimos anos de sua vida abandonou o ocultismo, ao qual aderira como a uma religião, e voltou ao seio da Igreja Católica, a que pertencia, antes de unir-se ao ocultismo-esoterismo.

O HOMEM FOI ESQUECIDO

"Parece que tôdas as ciências devem passar antes pelos vestíbulos da superstição" — dizia Pierre Janet. O vestíbulo da Parapsicologia foi longo e obscuro. Em outros ramos da ciência, no final do século XIX, já se passara a salas bem iluminadas. Pensava-se que o homem havia feito brilhar luz em todos os campos da realidade e que, para o futuro, a expansão científica produzir-se-ia somente em forma vertical. A expansão horizontal, porém, não havia terminado ainda. Permanecia na penumbra a maior parte dos podêres inconscientes do psiquismo humano.

O homem derramou luz sôbre a realidade circundante e se esqueceu dêle mesmo. "O homem, êsse desconhecido", foi o famoso grito de Aléxis Garrei. Ou como dizia Conan Doyle: "Entre tôdas as coisas que o homem chegará um dia a compreender, a última será, seguramente, êle mesmo".

Os materialistas negavam a priori, inclusive a existência dos fenômenos, considerando-os, sem restrições, como simplesmente existentes na imaginação dos espiritua-

listas. Absurda seria uma investigação daquilo que não existia. Não admitiam mais podêres no homem que os meramente físicos. Tal era, em geral, o ditame da ciência oficial da época.

2. INVESTIGAÇÃO

Alguns sábios cientistas como WILLIAM JAMES, FREUD, JUNG e MAC DOUGAL, para não citar mais que exemplos de psicólogos, chegaram a considerar que havia evidências mais que suficientes para justificar uma investigação cansativa de tais fenômenos com métodos experimentais.

Evidentemente a posição científica deve ser a de estudar tais temas antes de negá-los ou afirmá-los. Por outro lado, nenhuma realidade possível do nosso mundo deve ser excluída da pesquisa científica e menos ainda quando estreitamente relacionada com o homem e por isso de maior importância, como são os fenômenos parapsicológicos.

Em 1882 se deu o primeiro passo eficaz, em ordem à intervenção científica, quando se fundava a "Society for Psychical Research" de Londres, que reuniu sábios universitários de primeira categoria, inclusive vários prêmios Nobel em diversos campos do saber. A iniciativa partiu de William Barret, de Dublin, e de J. Romanones. O primeiro presidente da Sociedade foi HENRI SIDGWICK, a quem seguiram na presidência, sucessivamente, nomes muito conhecidos no âmbito científico, como STEWAR BALFOUR, WILLIAM CROOKES, WILLIAM JAMES, A. J. BALFOUR...

Em seguida, funda-se uma filial da "Society for Psychical Research" nos EE.UU., a "American Society for Psychical Research" e, no decorrer dos anos, aparecem sociedades semelhantes em vários países.

As universidades, no entanto, se mantinham alheias à nova investigação. As exceções, ainda que prenúncios de um futuro melhor, foram muito poucas: em 1893, ALBERT COSTE consegue o título de Doutor em Medicina, pela Universidade de Montpellier (França), com uma tese sôbre as forças (hoje diríamos parapsicológicas) inconscientes do psiquismo humano; em 1911 se estabelece na Universidade de Stanford um laboratório subvencionado para êsse tipo de investigações e, em 1917, se publicam os resultados de experiências sôbre o conhecimento extra-sensorial, realizadas naquela Universidade, sob a direção do Prof. Dr. JOHN E. COOVER; em 1912 a Universidade de Harvard estabelece a Fundação Hodgson para investigação dêstes temas.

Chamou-se esta primeira etapa de investigação de *metapsíquica.*

A PARAPSICOLOGIA

Na segunda etapa da investigação, muito recente, a metapsíquica cedeu lugar à *parapsicologia.* Na América do Norte começou assim:

O Sr. JOHN THOMAS, advogado, perdera sua èspôsa, Sra. Ethel. Tratou, então, de saber se realmente era possível obter de seu "espirito desencarnado" algumas mensagens. Organizou uma série de tentativas com médiuns famosas. Thomas se apresentava com nomes supostos, enviava pessoas que não conheceram sua esposa... Segundo sua opinião, obteve grande quantidade de "provas" sôbre a comunicação com o "além".

Em 1927, o Dr. THOMAS destina uma grande subvenção ao Dr. JOSEPH RHINE e esposa, Dr. LOUISA RHINE, para que, sob a direção do famoso psicólogo WILLIAM MAC DOU-

GAL, estudassem cientificamente aquelas provas e outros problemas relacionados, segundo o Dr. Thomas, com a comunicação com os mortos. As tais "provas" estão, hoje, catalogadas entre as manifestações do psiquismo humano dos vivos e não do "além", como o próprio Dr. Thomas terminou por reconhecer.

O Dr. RHINE e seus colaboradores conseguiram ainda mais. Num trabalho exaustivo de revisão, encontraram métodos verdadeiramente científicos para a investigação. Foi assim que, em 1934, com a apresentação ao mundo da nova metodologia, a investigação, para diferenciar-se da metapsíquica, passou a chamar-se PARAPSICOLOGIA. E, à medida que em outros países se encontravam métodos de estudo para os diversos fenômenos, a Parapsicologia ia absorvendo a metapsíquica.

Os resultados positivos obtidos justificaram a criação, neste mesmo ano, 1934, do Laboratório de Parapsicologia da Universidade Duke, em Durham, Carolina do Norte, dirigido desde então pelo Dr. RHINE. Foi o primeiro centro universitário de pesquisa com investigadores "full--time", pessoal administrativo e adequados recursos financeiros.

A Parapsicologia principia a sair do âmbito "amateur" para ingressar diretamente na investigação oficial.

Um ano antes, 1933, a mesma Universidade Duke concedia o título de doutor, por seus trabalhos de investigação na Parapsicologia, ao Sr. JOHN THOMAS. Simultaneamente, outras universidades de diversos países mantiveram seus próprios investigadores e assim, naquele mesmo ano, com trabalhos em pesquisas parapsicológicas, se doutorava, pela Universidade de Bonn, HANS BENDER (atualmente catedrático de Parapsicologia na Universidade de Friburgo, Alemanha) e pela Universidade Real de

tJtrecht se doutorava W. H. C. TENHAEFF (atualmente catedrático de Parapsicologia da mesma Universidade Real).

Cada ano que passava, novas universidades, em todo o mundo, abriam suas portas para a nova ciência. Em 1939, somente na América do Norte, havia 43 universidades dedicadas ao estudo destas manifestações do psiquismo humano, à margem da psicologia normal e patológica.

A ciência parapsicológica encontrou, por fim, seu caminho e é reconhecida e respeitada como ciência de vanguarda. Foi reconhecida "oficial" e universalmente como ciência em 1953, por ocasião do Congresso Internacional de Parapsicologia, organizado pela "Foudation International of Parapsichology", pela Universidade de Utrecht e pelo Ministério de Educação e Cultura da Holanda.

Nesta mesma data surgia, pela primeira vez, um professorado profissional de Parapsicologia, sob a direção do professor catedrático W. H. C. TENHAEFF. Posteriormente, multiplicaram-se as cátedras universitárias de Parapsicologia nos países mais adiantados.

EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO

É difícil encerrar em uma definição tantos e tão variados fenômenos. Algumas das definições que se tem proposto fogem das dificuldades e caem em tautologias. Por exemplo: "A Parapsicologia tem por objeto a comprovação e análise dos fenômenos de aparência paranormal" ou "estuda os fenômenos parapsicológicos e aquêles relacionados com êles". Os têrmos que se quer definir não devem entrar na definição.

Tomamos aqui o têrmo "parapsicológico" como sinônimo de extraordinário, surpreendente, à margem do normal, inexplicável à primeira vista.

Parapsicológico (e paranormal) não significa anormal, no sentido pejorativo da palavra. Fenômeno paranormal não é sinônimo de patológico, próprio de enfermos ou de loucos..., ainda que o limite entre paranormal, anormal, normal muitas vêzes seja simples questão de grau que nem sempre é fácil precisar. Aliás a freqüência dos fenômenos parapsicológicos, espontâneos ou provocados, pode levar à anormalidade.

Por outro lado, as faculdades parapsicológicas, consideradas como *faculdades,* são patrimônio de todo o gênero humano, e, nesse sentido, são faculdades normais. Porém, sua *manifestação* é privativa de pessoas especiais ou de circunstâncias extraordinárias. Portanto, o fenômeno, a manifestação da faculdade, é parapsicológica, extraordinária, à margem da psicologia normal ou patológica.

Preferimos o prefixo "para" (para = à margem de) ao prefixo "supra" (supra = acima de). Suprapsicológico e supranormal, com efeito, sugerem, mais ou menos reflexa ou inconscientemente, uma relação com o sobrenatural, que escapa do plano no qual a Parapsicologia se move direta e comumente.

Os fenômenos chamados parapsicológicos são, ao menos geralmente, "espontâneos", irreproduzíveis voluntariamente. .. E êste aspecto, também, está incluído no têrmo "parapsicológico". Contudo, muitos fenômenos parapsicológicos, apesar de serem espontâneos, não reiteráveis à vontade, podem ser comprovados matemàticamente.

Notemos, também, que o aspecto da "espontaneidade" ou incontrolabilidade, incluído no conceito de parapsicológico, e o aspecto de estranho, de inexplicável (novos para a ciência "tradicional") não são próprios de todos os fenômenos que a Parapsicologia estuda. Por isso, devemos ampliar o têrmo com o de "aparente" ou "à primeira vista" parapsicológico.

NOSSA DEFINIÇÃO

Propomos uma definição, a título de orientação: *"A Parapsicologia é a ciência que tem por objeto a comprovarão e a análise dos fenômenos, à primeira vista inexplicáveis, que apresentam, porém, a possibilidade de serem resultado das faculdades humanas".*

Alguns esclarecimentos: usamos a palavra *"ciência"* e não o têrmo "disciplina" ou outro equivalente. A parapsicologia é ciência em qualquer sentido em que tomemos esta palavra; é experimental no sentido de fundamentada na experiência, na observação, e assim se equipara à História, à Medicina, à Psicologia... É rigorosa na sua argumentação e, nesse sentido, coincide com a Filosofia, etc.

Alguns afirmam, porém, que somente seria ciência se, em *todos* os fenômenos estudados, as suas experiências pudessem ser repetidas com igual êxito, em circunstâncias iguais, como na Física, na Química... A Parapsicologia nem sempre seria ciência, se tomássemos o conceito de ciência neste sentido tão restrito e inexato, dada à espontaneidade de muitos dos fenômenos parapsicológicos.

Ora, excluir do campo da ciência fenômenos do nosso mundo, só pelo fato de não ser reiteráveis à vontade, ou raros, talvez até únicos... é restringir ou desconhecer o conceito de ciência— Assim se acabaria também grande parte da História, da Astronomia, da Medicina, da Sociologia, e da Geologia, e até da própria Física. Quantas vêzes apresentam-se na Física teorias (por exemplo, a respeito da origem da matéria do universo), ainda nunca comprovadas e inclusive que depois são superadas; e nem por isso deixam de pertencer à ciência, ao estado atual da ciência.

A primeira vista inexplicáveis-, esta aparente inexplicabilidade dos fenômenos, pode ser devida, muitas vêzes,

ao seu caráter de estranheza que os coloca longe de nosso juízo habitual. Na realidade não é mais estranha uma visão telepática que a visão retiniana... É só menos comum.

Com possibilidade de serem resultado: Não afirmamos que, de fato, sempre derivam das faculdades humanas, nem que seja obrigatória a comprovação de que derivam delas. Há sempre em todos êsses fenômenos a intervenção de uma pessoa humana, ainda que seja considerada como bruxo, feiticeiro, médium, endemoninhado ou santo... Ao menos, há uma testemunha, como, por exemplo, uma adolescente numa casa "mal-assombrada". O homem sempre intervém, seja para testemunhar, seja para comprovar. Existe pois, a possibilidade (como notamos anteriormente) de que o fenômeno se deva ao homem, às suas forças "ocultas" (talvez de atuação à distância). Pode ser que depois das investigações se comprove que tal determinado fenômeno supera as forças humanas ... É então sôbre-humano.

Faculdades Humanas: Não ignoramos, igualmente, que a Parapsicologia estuda e tem feito experiências com animais e plantas. Porém, até hoje, a quase totalidade dos estudos que se fizeram com animais e plantas, tiveram por objeto lançar luz sôbre os fenômenos humanos.

METODOLOGIA

Quando a ciência começava, na época do Renascimento, e antes que se demonstrasse as explicações das coisas, quando se descobriam possíveis explicações e sobre elas se discutia, os cientistas se deparavam com duas possíveis causas: umas, materiais e outras, espirituais. Falava-se de coisas materiais, falava-se de coisas espirituais. De muito bom grado, os cientistas começavam a estudar as coisas materiais porque são mais fáceis. Podem ser examinadas em laboratório, cortadas, fotografa-

das, pesadas, divididas, analisadas. Não negou as possíveis realidades espirituais: foram colocadas entre parênteses, para posterior estudo. Começou pela tarefa mais acessível. Deu-se um fenômeno psicológico que, dentre os psicológicos, YUNG analisa muito bem. Tanto se estudaram os fenômenos materiais que os cientistas, por um fato psicológico, quase sem perceber, aprionsticamente chegaram à conclusão de que *somente* existia a matéria, passando a negar tôdas as realidades espirituais, que nunca se deram ao trabalho de estudar. Sem nenhum direito negavam aquilo que nunca estudaram. Tinham direito de afirmar a matéria porque ela fôra objeto de suas análises, mas não tinham direito de negar possíveis realidades espirituais, que jamais estudaram, mas que podem (por que negar antes de estudar?) pertencer ou atuar em nosso mundo.

Os cientistas penetraram mais no seu êrro apriorístico, porém psicológico. Concluíram que somente seria metodologia científica aquela que fôsse aplicável à matéria, a metodologia tradicionalmente empregada por êles no estudo da matéria... Os fenômenos repetíveis à vontade, aos quais se pode aplicar a estatística matemática, que se podem fotografar, tocar, pesar... Todos os métodos de observação diferentes, não seriam métodos científicos. Tal critério é apriorista: significa submeter o objeto de estudo ao método de estudo. Se o objeto que temos que estudar, fôsse (por que não poderia ser?) essencialmente esporádico, espontâneo, irredutível à vontade, como podemos obrigá-lo a que seja repetível conforme o desejo e que se lhe possa aplicar a estatística matemática? Se o fenômeno fôsse (por que não?) invisível, essencialmente, como posso fotografá-lo? Se fôsse (por que não?) imponderável, intangível, indivisível..., devemos cortar, pesar, analisar suas partes? Não as tem...

Não é científico acomodar o objeto ao método, é necessário submeter o método de observação ao objeto de observação. Os cientistas psicologicamente incorreram neste êrro apriorístico, e os racionalistas, em luta com a Igreja, se encarregaram de fomentar êste êrro. Lamentàvelmente, até o final do século passado, dum modo geral tôda a ciência era apriorista e acientificamente materialista. Estudava unicamente a matéria, negando tudo o que fôsse, parecesse ou se relacionasse com o espírito.

Mas, estudando o homem, que se acreditava ser somente matéria, a Parapsicologia se encontrou com o espírito, que não intencionava estudar, inclusive com a metodologia "materialista", à base da estatística matemática, encontrou e demonstrou as manifestações do espírito (veremos mais adiante esta afirmação que aqui colocamos a modo de exemplo).

O método estatístico é característico da chamada escola norte-americana ou espiritualista. Hoje, felizmente, não se emprega unicamente a metodologia "materialista" da escola "espiritualista". Outras escolas de Parapsicologia, após 30, 40 anos, demonstraram a eficácia de seus métodos em contraposição aos métodos tradicionais e válidos para a Física, ou para a Química, que, porém, nem sempre servem para o estudo das faculdades psíquicas. A Parapsicologia possui, hoje, muitos métodos específicos, próprios dela, válidos cientificamente, sem o êrro apriorístico do superado materialismo do século passado e começos do século presente,

C-"'3. IMPORTÂNCIA DA PARAPSICOLOGIA

O interêsse do nosso mundo ocidental pelas ciências psíquicas está à vista. Cansados do técnico, com um sentimento de escravidão, os homens buscam algo que lhes

revele mais sua própria natureza. Os hippies com suas práticas ocultistas, os iogues, o êxito das religiões orientais, etc., são uma de tantas provas desta busca. E as drogas? O que são, senão um estimulante dêste submundo psíquico por explorar, que chama a atenção de nossa civilização? Neste ambiente surge a Parapsicologia, evidentemente com destaque.

Os fenômenos parapsicológicos se fomentam muito e estão enormemente difundidos na América Latina, em geral, e de maneira destacada no Brasil, Ocultismo, Teosofismo, Esoterismo, Filosofia Oriental, etc... A interpretação mais em voga é a espírita. Atribuem-se ao "além" fenômenos completamente naturais. Mais uma mistificação de tantas havidas ao longo da História. Calcula-se que o número de espíritas no Brasil, eleva-se a 25 milhões. O espiritismo influi em tôdas as regiões, com seus hospitais, centros, colégios, associações de tôdas as classes...

Mais de 100 jornais e 150 revistas estão sob orientação espírita. Só do livro fundamental de ALLAN KAKDEC (codificador do espiritismo latino) "O Livro dos Espíritos", uma editôra de São Paulo leva lançados mais de 4 milhões de exemplares.

O crescimento do espiritismo pode considerar-se como de proporção geométrica.

Grandes implicações sociais, médicas e religiosas se derivam das conceituações erradas a respeito dos fenômenos parapsicológicos. É grave a mentalidade que se difunde entre o povo. A interpretação dos fatos e posições da vida, em milhões de brasileiros, são conseqüências de teorias supersticiosas. Uma atitude desta índole leva a uma alienação da realidade.

A interpretação popular freqüentemente é errada. A fenomenologia, porém é muitas vêzes real, parapsicológica.

Evidentemente, a posição dos cientistas é a de estudar tais temas antes de negá-los ou afirmá-los ou explicá-los... Dando uma explicação científica dos fenômenos, a Parapsicologia ajudará a demistificar, trará ao terreno da ciência o que estava no campo da superstição. Estabelecerá os verdadeiros limites da realidade.

Os médicos, psicólogos, sociólogos, filósofos e até os teólogos têm muito a lucrar da Parapsicologia, como facilmente se compreenderá pelos temas de que ela trata.

SCHOPENHAUER dizia: "Os fenômenos em questão, ao menos desde o ponto de vista filosófico, são, com muito, os mais importantes entre aquêles que nos fornece a experiência; em conseqüência, familiarizar-se com êles é dever de todo sábio". E o famoso filósofo MYERS: "Estas perturbações da personalidade não são para nós o que têm sido para outras gerações procedentes é dizer, "milagres" nos quais os céticos, segundo a moda antiga, têm o direito de não acreditar. Pelo contrário, começa-se a considerá-los como problemas de psicopatologia do mais alto interêsse, cada um dos quais nos dá uma visão da estrutura íntima do homem". E, de maneira geral, os pesquisadores do tema, afirmam que as ciências: Biologia, Fisiologia, Medicina, Filosofia, Teologia, etc., ver-se-ão afetadas e interessadas naturalmente por tôda esta nova gama de descobrimentos.

ESCOLAS E GRUPOS DE ESTUDO

Na Parapsicologia se distinguem três escolas principais, ainda que a partir de 1960, dada a unanimidade mundial nos conceitos substanciais, seria mais exato falar em objetos tradicionais de investigação, especialização ou ensino.

CAPÍTULO II

ESCOLA MATERIALISTA

Nos países da Cortina de Ferro, por exemplo: Instituto de Fisiologia da Universidade de Leningrado, dirigido pelo Dr. GULIAEV; Centro de Estudos Parapsicológicos, na Checoslováquia, dirigido pelo Dr. RYZL; Cátedra e Instituto de Parapsicologia da Universidade de Leningrado, dirigidos pelos Drs. BECHTEREV e VASSILIEV, etc... Estudam os fenômenos que têm explicação fisiológica (sem excluir, a partir de 1960, os fenômenos das outras escolas).

1. HIPERESTESIA DIRETA

O professor LOMBROSO encontrou uma histérica que, em ataques de hipnotismo espontâneo, perdia completamente a visão pelos olhos, vendo entretanto, com a mesma acuidade, pelo lóbulo da orelha esquerda. Não só distinguia as côres, mas até os caracteres duma carta chegada havia pouco. Mais ainda, concentrando com uma lente alguns raios de luz sôbre o lóbulo da orelha, a histérica ressentia-se vivamente e gritava, sacudia a cabeça e cobria a orelha com o braço. Igual fenômeno sucedia com o sentido do olfato: a amónia e a assafétida aplicadas ao nariz, não davam nenhuma reação. Aplicadas ao queixo, faziam espirrar e obrigavam a doente a afastar a cabeça em sinal de náusea e enfado.

Foi muito famosa uma menina francesa, Giselle Court. Como resultado de uma queda ficou cega. Com enorme vontade de vencer, a menina, sem saber exatamente o absurdo que poderia parecer a sua pretensão, exercitou as extremidades dos dedos até conseguir distinguir as côres com só aproximar e deter os dedos sôbre elas. Passado algum tempo, após muito esforço e treino, conseguiu aprender a ler (e escrever) com notável facilidade.

Vários cientistas presididos por Jean Labadie examinaram uma senhora que conseguiu ver com os olhos tapados por vendas, especialmente construídas para impedir qualquer visão ocular. A senhora "via" pela fronte. Como resultado da publicação dessas experiências, descobriram-se três irmãzinhas de onze, treze e catorze anos, plenamente normais, ao menos aparentemente, que "viam" também pela fronte com pasmosa regularidade. Dezenas de experiências conduzidas com o mais severo controle científico descartaram a fraude: o fenômeno era autêntico.

Outro senhor, hipnotizado, "lia" pelo cimo da cabeça... Casos semelhantes têm-se recolhido com alguma quantidade.

Falou-se da visão por outros nervos que os da rotina, à que chamaram "visão paraóptica". Outros acreditavam que o prodígio se devia à telepatia. Mas ambas as teorias foram desprezadas: a primeira por contrária à Fisiologia; a segunda, por contrária à Parapsicologia. Com efeito: não sendo os nervos próprios da visão, e por conseguinte, não sendo impressionado o mesmo centro cerebral, aquela extraordinária percepção não pode ser "visão" pròpriamente dita (nem olfato pròpriamente dito...). E falar em "visão" impropriamente dita é deixar o problema sem resolver. Também não pode ser telepatia, entre outras ra-

zões, porque a Parapsicologia tem demonstrado que a telepatia não pode ser constante ou tão regular como a "visão" de algumas pessoas cegas ou sem usar os olhos.

Surgiram muitas outras teorias, inclusive se pensou na explicação pelo eco, ao modo do eco que guia os morcegos, ou seria uma espécie de radar humano... Assim pretendiam explicar casos como o de um professor de História do Instituto Nacional de Paris que tinha ficado cego. Mas observado cientificamente pelo Dr. ZABAL, se comprovou que podia evitar obstáculos: notava um muro à distância de dois metros, por exemplo. Outro cego é introduzido pelo Dr. Zabal em um quarto no qual nunca tinha estado, e à distância de 2 metros percebeu um móvel de grandes dimensões: era um bilhar...

Foram as observações e experiências com animais que deram a pista para a solução do problema. O grande naturalista SPALANZANI, dezenas de vêzes, repetiu a experiência de cortar a cabeça a escaravelhos. É sabido de todos que o centro motor e sensitivo do escaravelho está no tórax e não na cabeça. Pode pois, sem cabeça continuar a andar e a sentir..., e evitar os obstáculos. Logo, os *sente,* sem vê-los.

Foi celebérrimo o cavalo Barto, um dos cavalos de Elferfeld, velho e cego. Não obstante, hoje fica fora de tôda dúvida que sentia os movimentos dos assistentes, movimentos ao parecer imperceptíveis, e que por êles se guiava para começar ou deter-se em bater no chão com a pata em resposta a perguntas que se lhe formulavam.

Já há muito tempo que RAFAEL DUBOIS tratou longamente dos animais que sentem as vibrações do ar, o refletir-se do barulho das suas próprias pisadas, a sensação tátil dos raios de luz refletidos nos objetos... dando a impressão de que "vêem", apesar de que êsses animais não têm olhos. Não vêem, *sentem.*

Assim nasceu a explicação dos homens que "vêem" sem olhos ou cheiram pelo queixo, ou ouvem pelas mãos; não vêem, nem cheiram, nem ouvem... sentem o contato dos raios de luz, das vibrações do ar, dos eflúvios odoríferos... e o cérebro responde causando uma alucinação a modo de visão ou cheiro... a esta grande sensibilidade se chamou: HIPERESTESIA.

Com o exercício pode aumentar-se ilimitadamente a manifestação da hiperestesia. Os marinheiros chegam a enxergar objetos a distâncias muito superiores das que precisam pessoas dedicadas a outras profissões. Os pintores chegam a distinguir, nas côres, matizes completamente indiferenciáveis para o comum dos homens. Certos selvagens possuem, pelo exercício, um ouvido que supera a sensibilidade do mais sensível microfone.

O Dr. AZAM colocava a mão à distância de quarenta centímetros do dorso descoberto duma hiperestésica, que, aliás, estava hipnotizada, Esta não só sentia o calor da mão, senão que se curvava para adiante queixando-se do grande calor. Outro tanto sucedia por causa do frio quando um pedaço de gêlo punha-se a bastante distância. Outro hiperestésico, observado pelo Dr. BREMANT, durante a hipnose, seguia, desde o gabinete médico, através dos vidros da janela, um diálogo tido em voz baixa noutro extremo da rua.

A Sra. Kulechova foi estudada pelo Dr. VASSILIEV no laboratório de Parapsicologia da Universidade de Leningrado. Kulechova, depois de lhe ser impedida completamente a visão pelos olhos, lia livros e revistas pelas pontas dos dedos, distinguia pelas pontas dos dedos as côres dos objetos, percebia, sem contato, objetos mínimos... inclusive, isto se realizava na semi-obscuridade. "Via" pela' ponta dos dedos, ainda, sob iluminação exclusivamente infravermelha, apesar da pouquíssima graduação (a luz in-

íravermelha é invisível normalmente ao sistema ocular humano). Recentemente, investigadores dos EE.UU., sob a direção do Dr. RICHARD P. YOUTZ, designaram com a sigla DOP (percepção dermo-ótica) à hiperestesia no seu aspecto de visão (não retiniana), que êles acreditavam ter descoberto agora...

2. CUMBERLANDISMO

O cumberlandismo parapsicológico é muito amplo. Por contato, os dotados de faculdades parapsicológicas podem adivinhar não somente uma ação por se realizar, mas tôda e qualquer coisa.

Contemos, por exemplo, o caso do Dr. MURRAY, então diretor da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres. Tomando pela mão uma pessoa que pensasse qualquer coisa, êle a adivinhava com todos os detalhes. Uma experiência qualquer:

A Sra. Toynbee havia escrito: "Início de uma passagem de Dostoiewsky na qual o cão de um homem pobre morre em um restaurante".

O Dr. Murray, que não era especialmente sensitivo, nem dotado especial, tomou a mão da Sra. Toynbee, se concentrou, deixou que o inconsciente tomasse conta do organismo humano e começou a dizer: "Parece-me que é algo tirado de um livro. Diria que se trata de um livro russo. Um homem muito pobre. Parece que se trata de algo relacionado com um cão morto. Um cão muito infeliz. De repente, ocorre-me que é dentro de um restaurante". Até aqui tudo exato. "As pessoas brigam e depois voltam e se esforçam para ser boas. Dêsse último aspecto não estou seguro." É muito interessante êsse detalhe. A Sra. Toynbee não o havia escrito no papel, que serviria

de comprovante daquilo que ela pensava, mas de fato estava escrito em Dostoiewsky, de onde ela havia extraído o que em resumo escrevera. Êle, porém, notou que não estava adivinhando o que havia sido escrito no papel, e sim outra coisa que também estava no pensamento da Sra. Toynbee e, por isso, acrescentou: "disto não estou seguro".

Somente faltava o nome de Dostoiewsky e, depois de várias circunlocuções, falou: "Tenho a impressão que é alguma coisa assim como Gorky, mas não é Gorky". Disse Gorky em vez de Dostoiewsky. Dos...ky, Gor... ky: há alguma'semelhança.

É um exemplo, entre milhares que poderíamos narrar, de experiências de adivinhações por contato, realizadas em laboratório.

As experiências de laboratório, em geral, são menos notáveis, porque não há relação emocional. É uma situação construída, fria, muito acadêmica. Nos casos espontâneos, geralmente, os fenômenos são muito mais interessantes. São precisamente êstes casos que têm despertado a atenção dos parapsicólogos por suas manifestações.

3. HIPERESTESIA INDIRETA

Em primeiro lugar, os mecanismos da faculdade chamada HIP, ou hiperestesia indireta do pensamento. Todos os nossos atos psíquicos, de qualquer espécie, conscientes ou inconscientes, pensamentos, recordações, sentimentos, se traduzem ou são acompanhados por reflexos físicos de diversas ordens. Por exemplo, um falar muito diminuído, muito suave, muito subterrâneo; umas emanações de tipo magnético, detectadas hoje e medidas pelos russos, de uma hiperfreqüência notável; uns reflexos na pele, reflexos também motores, etc.

Através dêste mecanismo, os pensamentos de qualquer pessoa passam às pessoas que estão presentes. Tudo o que nós sentimos e imaginamos, passa e não pode deixar de passar às pessoas que estão presentes. Estas pessoas, inconscientemente, captam duma forma direta os reflexos sensoriais e indiretamente os pensamentos ou os atos psí- / quicos que os provocaram. Êste é o mecanismo da faculdade hiperestesia indireta do pensamento, a HIP, mecanismo certamente complexo, impossível de ser explicado emj poucas palavras.

Tudo o que as pessoas presentes sabem, o inconsciente também sabe. É lógico, portanto, que algumas vêzes o manifeste. Pode manifestar-se, isto é, a HIP se revela de duas maneiras: por contato ou sem contato. Quando é por contato, chamamo-la cumberlandismo (já aludimos a êle), por ser Eduardo Cumberland o primeiro a descobri-lo e a apresentá-lo, inclusive, em demonstrações públicas.

- Muito conhecida tornou-se a menina liga K., de Trapene "(Letônia) 7" Filha de pais sãos, desenvolveu-se normalmente, mas intelectualmente permaneceu muito atrasada. Aos oito anos balbuciava como uma criança de dois. Nunca aprendeu a ler, nem a calcular. Não passou do conhecimento isolado das letras e dos algarismos. Pois bem, aos nove anos, apesar de ser incapaz de ler e calcular, quando se concentrava, liga lia qualquer parágrafo em qualquer língua, incluindo latim e grego antigos, resolvia problemas matemáticos contanto que alguém (principalmente sua mãe) os tivesse em sua presença, lendo mentalmente o mesmo parágrafo ou pensando na solução do problema. Discutia com professores universitários sôbre qualquer tema: "sabia", sem compreender nada, tanta Matemática quanto os professôres de ciências exatas, discutia com os catedráticos de Medicina...

Investigações sucessivas, rigorosas, continuadas, de especialistas de vários países, demonstraram que se tratava de um caso de manifestação de HIP — hiperestesia indireta do pensamento — pela qual nosso inconsciente capta e, às vêzes, pode manifestar (casos especiais ou pessoas especiais) tudo o que todas as pessoas presentes conhecem, incluindo conhecimentos inconscientes. Nosso inconsciente é um sábio prodigioso.

4. PANTOMNÉSIA

Além de sábio, o inconscientp„jiã.a-.fisquecp nada. Outra faculdade inconsciente, comum a todo o gênero humano, é a chamada pantomnésia, memória de tudo. Um jovem açougueiro, em um ataque de loucura, recitava velozmente páginas inteiras da "Fedra" de Racine. Curado da loucura, por mais esforços que fizesse, não conseguia recordar-se de um só verso. Declarou que ouvira unicamente uma vez a leitura desta tragédia, quando pequeno.

Para saber até onde chega o poder mnemónico do inconsciente, um passo importante, sem dúvida, é a comprovação de que nosso inconsciente nos recorda coisas que conhecemos quando nem possuíamos o uso da razão. Êste fato se comprovou muitíssimas vêzes.

O Dr. MAURY, por exemplo, conta que certa noite sonhou que era criança e que vivia num povoado chamado Trilport. Ali, imaginou ver um homem uniformizado, que dizia chamar-se... "fulano de tal". Maury apreciava analisar seus sonhos. Ainda que não tivesse a menor idéia daquele homem nem daquele povoado, onde pensava não ter nunca vivido, havia no sonho uma vaga sensação de "já visto". Passado algum tempo se encontrou com a antiga ama-sêca. Ela lhe disse que, sendo êle muito pequeno,

foram à mencionada localidade, onde o pai devia construir uma ponte, e que ali existia um policial com o mesmo nome que soubera através do sonho.

Por meio da hipnose ou de associações, testes, drogas, etc., o psiquiatra poderá obter algumas vêzes do inconsciente recordações que o auxiliem na recuperação do paciente. O advogado poderá obter preciosos dados para a reconstrução dos fatos do seu cliente, etc. Pela hipnose se chegou, às vêzes, a bastante profundidade do arquivo inconsciente. Uma experiência quase de rotina é a comprovação da memória do inconsciente durante a hipnose. E conseqüentemente, a imaginação se exalta também, dando à linguagem dos pacientes um brilho e um colorido notáveis. A memória reproduz, com extraordinária precisão, cenas e pormenores que, em estado de vigília, estão completamente esquecidos ou jamais fixados,

5. XENOGLOSSIA

Xenoglossia é a faculdade que possui o inconsciente de falar línguas. Nosso inconsciente é a maior escola de línguas. Em xenoglossia prescindimos da fraude. Por uma simples fraude pode-se atrair a atenção, durante anos, de muitos sábios, como de fato existiram casos concretos.

Prescindimos, também, na xenoglossia impròpriamente dita, da invenção de línguas, línguas perfeitas, línguas que podem parecer marcianas ou do planêta Júpiter ou de outros planêtas ou de "Ganimedes", com gramática, fonética, sintaxe, etc. Isto pertence ao talento do inconsciente.

Em geral, a xenoglossia é não-inteligente, como um gravador magnético. Citemos um caso só, dentre muitos. Na Califórnia, uma menina recebeu um golpe na cabeça e pelo efeito do golpe principiou a falar chinês. Pergun-

taram-lhe quais as flores da Califórnia que mais lhe agradavam, ao que ela respondeu que eram dois lençóis, quatro lenços, três camisas. Comprovou-se que esta menina havia captado inconscientemente o rol de roupas para lavar. Quem lavava a roupa da casa era um chinês. A menina, conscientemente, não aprendera nada, mas o golpe na cabeça lhe abrira a porta de passagem do inconsciente para o consciente e, assim, falava perfeitamente as frases ou palavras chinesas que inconscientemente aprendera. Somente que, junto com os nomes das peças de roupa, captara outras frases que não designavam flôres da Califórnia pròpriamente ditas...

Faculdades do inconsciente, combinadas, dão lugar à xenoglossia inteligente. A Srta. íris, de 16 anos, de Budapeste, "morria" em agosto de 1933. Poucos momentos depois da "morte", não obstante, começava a respirar novamente, recuperava os sentidos e terminava por ficar curada por completo. Porém, agora dizia que era Lucía Altares de Salvo, espanhola, que acabava de morrer em Madrid, rua Oscuro, n.° 1, que tinha 40 anos e era mãe de catorze filhos...

íris (ou Lucía) começou a falar perfeitamente o espanhol sempre e em todas as partes. Entretanto, antes da sua "morte", íris não falava absolutamente nada de espanhol, como testemunharam todos os seus parentes, professores e companheiras de colégio.

Investigações rigorosas, dirigidas pelo Prof. ROTHY, presidente do Comitê Nacional e do Conselho Internacional de Investigações Parapsicológicas de Budapeste, comprovaram que o fenômeno se devia exclusivamente a uma aprendizagem totalmente inconsciente da língua espanhola, sobretudo a partir da convivência, quando ainda bem criança, com uma empregada espanhola.

Manifestações semelhantes são relativamente freqüentes. Nossos inconscientes retêm, e, muitas vêzes podem manifestar, grande número de línguas, especialmente em países de imigração.

6. TALENTO DO INCONSCIENTE

Nosso inconsciente, com os inúmeros dados que vai recebendo através das diversas faculdades normais ou parapsicológicas e arquivando pela memória do inconsciente, é capaz de elucubrações fantásticas. Tem-se feito enquetes internacionais dos diversos pontos de vista. LANGMUIR estudou os maiores cientistas da humanidade. Devem a maior parte de suas descobertas ao talento do inconsciente. Ou eram intuições, ou as sonhavam... E depois necessitavam de muito tempo para demonstrá-las. Os maiores filósofos da humanidade, como SPINOZA, KEPLER, PASCAL, etc., reconheceram que suas principais questões filosóficas se lhes ocorreram ou as haviam intuído por um processo que, conscientemente, não deve nada ao raciocínio. FEHRjêz uma enquete.jfl]am.^S-graxides-inv£n- à «onclusão de que entre.75 a 100dos achados dos grandes inventores foram sonhados ou intuídos, sem raciocínio consciente.

REALIZAÇÕES INTELIGENTES DO INCONSCIENTE

Vejamos um exemplo concreto: BANTING, O célebre médico canadense, sonhando um dia, levantou-se sonâmbulo e escreveu as seguintes palavras textuais:

"Ligar o conduto principal do pâncreas de um cão de laboratório. Esperar algumas semanas até que a glândula se atrofie. Cortar, lavar e filtrar a secreção".

No dia seguinte não se recordava de nada daquilo que, sonâmbulo, escrevera. Fêz a experiência, porém, e foi assim que a humanidade obteve o isolamento da insulina em quantidade útil.

EGIDI fêz a mesma pesquisa com os grandes artistas, pintores, músicos, poetas da humanidade. Chegou à mesma conclusão, às vêzes pelas próprias expressões dos artistas, outras vêzes por um estudo biográfico. Assim, por exemplo, BEETHOVEN acreditava que tinha dentro da cabeça uma orquestra infernal, tão infernal que se tornou surdo. Ouvia uma composição musical de dentro para fora e não precisava mais para transcrevê-la para as pautas.

COLERIDGE disse que escrevera o seu "Kubla Khan", digno do prêmio Nobel de literatura, do comêço ao fim, dormindo.

LA FONTAINE e CONDILLAC disseram de si mesmos que escreveram trabalhos inteiros inconscientemente. Trabalhos que atraíram a atenção de todo o mundo...

MÉDIUNS OU "POSSUÍDOS" PELO INCONSCIENTE

O fenômeno tem sido observado em tôdas as épocas, em todos os povos. Assim, por exemplo, já na época greco-romana, DIÓGENES LAÉRCIO estudou o caso de uma pessoa que automática e inconscientemente escrevera livros completos de filosofia estóica.

PLATÃO e XENOPQNTE compreenderam que aquêle gênio que Sócrates acreditava ouvir não era um gênio, mas o próprio talento do seu inconsciente.

Porém, a mentalidade simplista do povo nunca caiu na conta do valor do inconsciente e por isso inventou as musas da pintura, da poesia, da retórica, da música, etc.: uma espécie de deusas que inspiravam os artistas, os

grandes inventores e gênios. Desconhecia o inconsciente. E até hoje, todavia, permanecem as palavras "musa" e "inspiração". Diz-se com freqüência: "Hoje não estou inspirado". Inspirado por quem? Pelo próprio inconsciente. E, posteriormente, as musas foram substituídas por demônios, espíritos dos mortos...

Até agora vínhamos tratando de manifestações do talento do inconsciente nos sábios. Recebemos muitíssimos dados por via consciente. Não é de estranhar, tanto que, quando se abre a porta de passagem do inconsciente para o consciente, sucedem fenômenos realmente maravilhosos nos homens eruditos. O fenômeno é mais admirável quando o talento do inconsciente se manifesta em pessoas incultas e analfabetas.

O inconsciente dos analfabetos possui muitas vias de acesso, muitas faculdades de adivinhação e de captação de dados. Elaborando êsses dados, o inconsciente pode chegar a manifestações e elucubrações maravilhosas. Isto sucede em pessoas bem-dotadas, como são chamadas as que mais apresentam fenômenos parapsicológicos.

Partindo ünicamente dos dados recebidos por vias conscientes, dados que o consciente esqueceu por completo ou em parte, porém não o inconsciente, os analfabetos e as pessoas incultas podem tornar manifesto um inconsciente maravilhoso. Estudamos agora, sòmente o talento do inconsciente em pessoas incultas a partir dos elementos colhidos por vias normais.

UMA VIAGEM A MARTE

Em uma sessão de espiritismo, a Srta. Müller, que o investigador FLOURNOY apresentou com o pseudônimo de Helena Smith, ofereceu uma prosopopéia em ambiente es-

pirita, uma dramatização, como se houvesse feito uma viagem a Marte, e disse que trouxera de lá a língua marciana.

Flournoy recolheu 41 textos marcianos e os publicou com a tradução ao lado. Não se conhece nenhum cientista, nem da Europa, nem da América que percebesse que não se tratava de uma língua realmente extraterrena e sim da elaboração inconsciente desta lingua, feita a partir do francês, única língua que Helena Smith conhecia por vias conscientes. Era uma língua perfeita, tinha gramática, sintaxe, prosódia, fonética, estilo especial, combinação especial de caracteres, dicionário completo. Enfim, parecia uma língua perfeita.

O MISTÉRIO É DESVENDADO

Os investigadores que haviam acompanhado o caso desde o início, foram observando que se tratava única e exclusivamente de uma cópia do francês. O chamado marciano era, no princípio, um pseudomarciano, um quebra-cabeça desordenado, uma pueril imitação do francês. Porém, seis meses mais tarde já se havia desenvolvido suficientemente a abertura do inconsciente, do talento do inconsciente de Helena Smith, e apresentou uma língua mais aperfeiçoada, que aquela que acabamos de mencionar.

Tinha sintaxe, porém era a sintaxe francesa ao pé da letra. Por exemplo, a ordem marciana da construção das frases e a ordem francesa era exatamente a mesma, até nos mínimos detalhes. Detalhes característicos da sintaxe francesa, como separar o "ne" do "pas", na negação, ou colocar a consoante "t" entre o verbo e o pronome (exemplo: "quand viendra-t-il?"), se observavam igualmente no marciano, que também separava as duas partes das con-

junções negativas e interpunham a consoante "m" entre o verbo e o pronome.

A distribuição das consoantes e das vogais era exatamente a mesma. Onde no francês se coloca, por exemplo, o som "t", no marciano aparecia "m"; onde no francês se coloca o som "s", no marciano aparecia "r", mas a mesma distribuição entre vogais e consoantes, o mesmo número de sílabas em cada palavra e idêntico número de letras em cada sílaba.

Por conseguinte, trata-se, sem dúvida, de uma imitação do francês. Porém, tudo foi construído de memória, sem tomada de notas. Uma língua perfeita, inventada por uma pessoa inculta, em seis meses, enganando a todos os sábios alheios à Parapsicologia.'

As MARAVILHAS DO "TREINAMENTO"

Depois de seis meses neste entretenimento, Flournoy deu algumas sugestões, criticou a língua marciana, para ver até onde podia chegar o talento do inconsciente de Helena Smith. Atacou o som "ch", a sintaxe, a construção das frases, etc., que eram tiradas evidentemente do francês. E, em uma nova "viagem interplanetária", surge uma língua completamente diferente, nova, com uma construção distinta do francês, sem nenhum "ch" nem outro aspecto dos que haviam sido criticados. E isto ocorreu em apenas 17 dias. Importa já um talento do inconsciente mais desenvolvido em suas manifestações.

Fazem-se novas sugestões para viajar a outros planêtas e Helena vai a Saturno, à Lua, a Plutão, a Mercúrio, a todos os planêtas do nosso Sistema Solar e vai trazendo as línguas daqueles planêtas. Línguas totalmente perfeitas, completas, diferentes entre si, com sintaxe, gramática, fonética, dicionário completo, etc.

Chegava a inventar estas línguas no curto espaço de um dia. Faziam-se sugestões para que ela fôsse com a imaginação a outros planêtas e, no dia seguinte, vinha com a língua completa, mas de acordo com as sugestões de contraprova que os parapsicólogos faziam. Significa realmente um talento maravilhoso inventar em um dia uma língua completa, perfeita. E tenhamos em conta que, neste primeiro ano de treinamento de Helena Smith, elaborava somente línguas a partir dos elementos que havia captado, por vias conscientes, do francês e das outras línguas com as quais modificara o francês. Poderá se compreender que o talento do inconsciente de Helena Smith chegará a têrmos realmente monstruosos quando não somente elaborar a partir dos dados recebidos conscientemente, mas comece a manifestar o talento do inconsciente a partir dos dados captados por HIP, por telepatia, por conhecimento do futuro, etc., que neste primeiro ano de desenvolvimento ainda não manifesta. Porém depois, com três ou cinco anos de exercício, terá quase tôdas as faculdades parapsicológicas de conhecimento. Compreender-se-á que chegue a ter elaborações realmente fantásticas.

Se nos deparássemos, de repente, com um caso dêstes, de uma língua inteira, completa, perfeita, inventada em um dia, fàcilmente nos deixaríamos levar à superstição, à interpretação apriorística de que o fenômeno se devesse aos demônios ou aos espíritos dos mortos, quando na realidade é exclusivamente talento do inconsciente dos vivos. Deixemos, pois, a investigação parapsicológica aos especialistas: primeiramente estudaremos a teoria, só depois poderemos investigar.

O talento do inconsciente se manifesta com freqüência, especialmente, na aritmética ou em campo equivalente, onde a explicação é mais compreensível (ritmo e

cálculo são relações fixas). Manifesta-se em analfabetos e em crianças. Porém, também os grandes inventores, pensadores, cientistas e artistas devem ao inconsciente as melhores de suas realizações. As pesquisas neste campo têm sido particularmente exaustivas. Recentemente nos EE.UU., grupos de parapsicólogos profissionais se dedicaram com exclusividade ao estudo do talento do inconsciente, como a fundação Menninger, a partir de 1961, especializada em "criatividade e parapsicologia", fundação mantida pelo fundo Itleson.

ERNESTO BIONDI resumiu admiràvelmente, dizendo que os grandes talentos da humanidade eram "médiuns possuídos pelo seu próprio inconsciente".

FENÔMENOS EXTRANORMAIS DE EFEITOS FÍSICOS

Entre os fenômenos parapsicológicos que se chamaram "extranormais", temos aludido aos principais fenômenos de *conhecimento,* que explicamos mais amplamente no livro "A Face Oculta da Mente". Porém, existem outros fenômenos extranormais de *efeitos físicos:* ruídos ou movimentações de objetos a curta distância, como nas chamadas "casas mal-assombradas", contatos ou ventos frios em locais completamente fechados, formas amorfas ou mais ou menos definidas de mãos ou outros objetos que surgem "misteriosamente", impressões em fotografias ou em substâncias moles, levitações do corpo humano, luzes e globos luminosos... Tudo isto vamos resumir nas páginas que seguem e constituem a matéria do nosso livro, em dois volumes, "As Fôrças Físicas da Mente".

7. TELERGIA

MYERS propôs a palavra "telergia" (tele = longe; ergon = ação, trabalho). Designava a excitação que de-

vem receber os centros motores e sensoriais da pessoa, de um modo mais ou menos direto (que poderíamos chamar telérgico); dando assim um sentido mais preciso à palavra que propusera anteriormente, como correlativa à palavra telepatia.

Há, no entanto, muita discussão quando se trata de determinar exatamente o tipo de energia que se libera nos fenômenos telérgicos. Entretanto, é possível encontrar um denominador comum. Muitos investigadores antigos se inclinam a definir a telergia como uma fôrça análoga, porém não idêntica, à eletricidade ou ao magnetismo. Esta teoria se manteve entre muitos investigadores modernos.

ANALOGIA

Examinando a diferença entre a telergia e o magnetismo ou a eletricidade, porém, ao mesmo tempo, comprovando as analogias apresentadas algumas vêzes, alguns pesquisadores elaboram a teoria da "bio-eletricidade".

A natureza da telergia é uma espécie de eletricidade, que não se submete, contudo, às leis físicas comuns que governam a eletricidade. Pelo contrário, apresenta as características peculiares da vida: os efeitos dessa "eletricidade" especial dependem da vontade inconsciente dos dotados. Não eletricidade, mas bio-eletricidade. A telergia (ou energia biótica, como é chamada nesta teoria) produziria seus efeitos de um modo análogo à eletricidade estática, como se o corpo do dotado estivesse carregado de alta tensão. Em tôrno do corpo do dotado se formaria um campo eletromagnético especial.

Segundo nosso ponto de vista, a telergia está constituída de forças complexas. Estas forças variam conforme as circunstâncias. O melhor, o que será aceito por todos os investigadores que estudaram a questão a fundo, é sim-

plesmente dizer que a telergia é uma exteriorização, é uma transformação das energias fisiológicas, podendo ser, às vêzes, uma espécie de energia, outras vêzes uma diferente, ou diferentes espécies das variadas forças (ou nomenclaturas) que podem ser determinadas em nosso organismo: elétricas, magnéticas, caloríficas, musculares, nervosas, vitais, motoras, plásticas, etc.

Portanto, os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, extranormais, sejam quais forem, não seriam mais que exteriorizações e transformações da energia do organismo do dotado: a essa energia fisiológica, exteriorizada e transformada para realizar fenômenos parapsicológicos, nós a chamamos telergia.

A TELERGIA MATERIAL

A telergia, como se deduz do que foi exposto até agora, é algo material; sua sutileza, contudo, pode ser, em determinadas circunstâncias, muito notável.

Assim, por exemplo, o doutor russo YOUNEVITCH comprovou que a telergia (ou raios Y) emanada de certos dotados, atravessava chapas metálicas com um poder de penetração superior ao dos raios X e ao dos raios gamma do rádio. A telergia atravessava até chapas de chumbo de três centímetros de espessura, colocadas a um metro de distância do dotado em transe. Chapas espessas a uma distância notavelmente maior, não eram atravessadas. Com a interposição destas chapas, os efeitos do raio Y diminuíam.

Isto nos mostra que a telergia possui uma grande penetração, e nos mostra também que é material, dado que se lhe pode opor obstáculos materiais.

8. FOTOGÊNESE

Forma parte da antiga filosofia esotérica, crer que tôdas as pessoas estão como que revestidas por uma espécie de aura dourada ou por globos de luz de diversas configurações e côres.

Os "fogos fátuos" deram origem a muitas superstições e lendas. Aparecem, às vêzes, nos pântanos, nos cemitérios, nos depósitos de excrementos de animais ou em qualquer lugar onde houver animais ou plantas em putrefação.

Nos pântanos é, preferentemente, o hidrogênio protocarbônico (metano) que arde numa chama azulada pouco, brilhante, porém, nitidamente visível na obscuridade. Nos cemitérios é o hidrogênio fosforado, que se inflama fàcilmente, em contato com o ar.

Êstes "fogos fátuos", quando movidos por uma ligeira brisa ou atraídos por pessoas que passam perto, tornam-se horripilantes para a imaginação popular, que os designam com muitíssimos nomes, cada qual mais supersticioso: candeeiro dos mortos, fogos dos Elgos (gênios ou espíritos do ar, da mitologia escandinava), lanterna do monge, almas penadas, etc.

Os chamados "fogos de Santelmo" também provocaram pânico e lendas na imaginação popular. Podem ser vistos, às vêzes, sôbre os mastros dos barcos, sôbre as torres das igrejas, inclusive sôbre as copas das árvores, em dias de tempestade. Em tôrno das pontas dos pára-raios se têm visto êstes fogos algumas vêzes em forma de feixes faiscantes.

São devidos, como se sabe, à acumulação da eletricidade ambiental. Certos tipos de roupa, sobretudo as de

nylon, acumulam eletricidade estática em alguma quantidade. Na escuridão, vê-se uma chuva de faíscas, por exemplo, quando se tira a roupa. Às vêzes, estas roupas permanecem têsas ou se movem, parecendo um "fantasma", ainda quando estão penduradas no guarda-roupa, por efeitos de pequenas descargas elétricas.

Muitas pessoas observaram também, em certas noites, as fagulhas que se desprendem ao acariciar um gato.

PESSOAS QUE EMITEM FAÍSCAS

Finalmente, à margem das observações e experiências dos parapsicólogos, conhecem-se alguns casos espontâneos de fotogênese verdadeiramente admiráveis.

Certas pessoas especiais se cobrem de claridades elétricas ou produzem faíscas. Trata-se de pessoas especiais em um estado neurofisiológico peculiar, isto é, pertencem ao enorme número de pessoas chamadas "dotados parapsicológicos".

Uma senhora enfêrma no Sanatório do Arco (Trento, Itália) emitia faíscas quando sua pele era muito friccionada, especialmente em tempo chuvoso.

Existem casos muito mais notáveis com dotados em grau superior, geralmente cujo estado orgânico se alterou profundamente.

A senhora Monaro, tuberculosa no Hospital de Pirano (Pola, Itália), desprendia da região toráxica uma luz vivíssima, semelhante à da lâmpada de magnésio, que durava três ou quatro segundos. A uma distância de quase meio metro, a descarga elétrica emitida iluminava um tubo de Geisler. Tudo isso foi observado pelos médicos do hospital, que testemunharam esta notável fotogênese.

PROCURANDO A CAUSA

Não nos interessa discutir se estes fenômenos espontâneos que acabamos de citar são devidos exclusivamente à eletricidade estática do ambiente, acumulada no organismo, ou se é a eletricidade interna destas pessoas, ou ambas, ou uma transformação de qualquer tipo de energia do organismo ou do exterior dêle. O certo é que o fenômeno só se manifesta em grau digno de nota em pessoas especiais, com características neurofisiológicas ou psíquicas próprias. Incluímos esta fôrça, como já explicamos, no âmbito da telergia.

Não negamos a possibilidade, nem sequer o fato, de que, em algumas ocasiões, a luminosidade se deva ao fósforo ou ao enxofre existentes no organismo, manifestado, especialmente, em pessoas e circunstâncias parapsicológicas. Tôda a fotogênese, porém, não se explica assim.

Sendo a fotogênese simplesmente um aspecto sob o qual se apresenta a telergia, é evidente que muitos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, dado que são concretizados pela telergia, venham acompanhados de fotogênese. RENÉ SUDRE, por exemplo, resume: "Ordinariamente, nas sessões de ectoplasmia, se observam nebulosidades mais ou menos móveis e luminosas... Enfim, todos os teleplastas (dotados para efeitos físicos) produzem luminosidades muito brilhantes e móveis, cuja intensidade varia".

9. TIPTOLOGIA

Entre os problemas parapsicológicos de efeitos físicos, são muito freqüentes os choques, golpes, percussões, etc. A nomenclatura e os sinônimos são incontáveis. Trata-se

de ruídos de todos os tipos, produzidos nas mais diversas modalidades.

Intitulamos êste capítulo "tiptologia" (do grego typto = tocar, ferir, golpear; logos = tratado), nome muito empregado pelos especialistas, para designar o estudo dos "raps", plural da palavra inglêsa "rap" (golpe, choque, que na forma verbal significa *golpear repetidamente).*

ORIGEM DO ESPIRITISMO

O moderno espiritismo nasceu precisamente com um caso de tiptologia fraudulenta.

No dia 2 de dezembro de 1847, o pastor metodista John D. Fox, com sua espôsa e suas filhas pequenas, mudava-se para uma casa conhecida pelo nome de Hydesville, no bairro de Arcádia do condado de Wayne, estado de Nova York. Poucos dias depois, a mãe, chamada Margaret, começou a ouvir ruídos que considerou um tanto estranhos, apesar de procederem do quarto das meninas e precisamente quando elas deviam estar acordadas. As meninas foram se exercitando durante bastante tempo na produção dos "barulhos estranhos", de modo que êstes ruídos, inicialmente leves, eram dois meses mais tarde, em fevereiro de 1848, perfeitos golpes secos, idênticos aos "raps" conhecidos hoje.

No dia 31 de março daquele mesmo ano, 1948, se realizava a "primeira sessão de espiritismo". A menina Margaret tinha naquela data oito anos e meio e Cathy, sete.

Naquela noite, diante da mãe, a menor das irmãs, Cathy, disse à Margaret: "Faz como eu". E golpeando com os dedos da mão, ou batendo palmas, dizia "Conta: um, dois, três". Imediatamente soaram, sem que a mãe pudesse precisar donde, um, dois, três golpes. As meninas estavam apoiadas na cama de madeira.

A mãe assustada, apesar da plena tranqüilidade e do riso das meninas, quis prová-las e disse aos ruídos que lhe dissessem a idade de suas fühas menores: ouviram-se, em seguida, oito "raps"; depois de uma pequena pausa, soaram outros sete "raps"; e se ouviram mais três que correspondiam à idade da filhinha que falecera.

A mãe ficou completamente desconcertada e, sendo supersticiosa, perguntou em seguida: "É algum ser vivo que responde tão corretamente às minhas perguntas? Em caso afirmativo, dê dois golpes". Não houve resposta.

Perguntou então, e êste é o momento exato do comêço do espiritismo: "É uma alma?" Imediatamente se ouviram dois golpes secos e claros.

— "É uma alma do inferno?"

Dois golpes.

Com o mesmo sistema, depois de obtida a autorização da alma penada para que viessem os vizinhos, continuou a sessão de espiritismo.

RETRATAÇÃO DAS IRMÃS Fox

Contudo, em 1888, as irmãs Fox, então ambas já viúvas, cansadas e cheias de remorsos, retrataram-se publicamente. Margaret preparou a retratação mediante uma entrevista feita num grande jornal de Nova York.

Depois das entrevistas nos jornais veio a retratação e demonstração públicas, ao vivo, no grande palco da Academia de Música de Nova York, na noite de 21 de outubro de 1888.

O texto da retratação se conserva publicado no livro de Davenport, recebido das próprias irmãs Fox, que, também, deram autorização escrita por elas mesmas, para a publicação de todo o caso.

Sôbre a demonstração de como produziram os "raps", um grande matutino nova-iorquino comentava no dia seguinte:

"Foi colocado diante delas um banco de madeira ou mesinha de pés curtos, com as propriedades de uma caixa de ressonância. Tirando o sapato, a senhora Fox-Kane colocou o pé direito sôbre a mesinha. Toda a platéia conteve a respiração e foi recompensada por uma série de "raps" secos e fortes, aquêles mesmos sons misteriosos que durante mais de quarenta anos assustaram e desconcertaram milhares de pessoas neste país e na Europa. Uma comissão composta por três médicos, escolhidos dentre o público, subiu ao palco e depois de examinarem o pé da Sra. Fox-Kane, enquanto golpeava os "raps", concordou, sem duvidar, que os ruídos eram produzidos pela ação da primeira articulação do dedo polegar do pé".

Porém, as irmãs Fox faziam fraudes não somente com o dedo do pé. Muitos anos antes da retratação, em fevereiro de 1851, uma comissão de médicos de Buffalo comprovava que elas também produziam "raps" com as articulações dos joelhos e dos tornozelos.

DEDOS PSICO-ATIVOS

Já vimos que a telergia é, em alguns pontos, análoga à eletricidade ou ao magnetismo. A telergia, sob a direção da vontade inconsciente, atua analogamente à eletricidade oü ao magnetismo, na estrutura interna da madeira, e dá origem a certos tipos de "raps". Sob a ação da telergia mesas e outros objetos de madeira tornam-se como que carregados de magnetismo ou eletricidade.

Um caso recente e bem controlado é de PKINCE com Stella: uma mesa de um metro, cujas táboas estavam todas ensambladas e solidamente unidas, quebrou-se em pe-

quenos pedaços, em meio a ruídos violentos, assim que as pessoas apoiaram nela, de leve, os dedos. Um dos assistentes declarou que sentia a fôrça correr sôbre a mesa e acumular-se nos pontos onde se dava a fratura. Prince escreve: "Minha impressão pessoal foi que uma sucessão de descargas de raio houvesse partido a mesa. Foi uma sensação extraordinária, sentir uma forte construção de madeira fender-se dêsse modo. Parecia que a mesa se dissolvia sob as nossas mãos".

O "SÁBIO" MUDO

Além de serem poucos, relativamente, os casos de tiptologia inteligente, a inteligência manifestada é muito escassa. Em todo caso, não supera a inteligência do dotado e não possui nenhuma dessas grandes qualidades, próprias do talento do inconsciente. Isto mostra que as grandes faculdades de conhecimento inconsciente, Psi-Gamma, HIP, etc., encontram dificuldade em manifestar-se por tiptologia. A tiptologia, diríamos não pode ser incluída entre as boas técnicas de manifestação dos conhecimentos inconscientes, como a radiestesia, psicografia ou escrita automática, movimentos de mesas ou de vasos, etc., por contato, e tantas outras boas técnicas parapsicológicas ("maneias", ou "pragmáticas").

Em outros fenômenos, por exemplo, na fotogênese, nota-se com facilidade e freqüência a vinculação com o dotado. Quem aparece iluminado é o próprio dotado. Na tiptologia, porém, ouvem-se "raps" mais freqüentemente sôbre os objetos externos. Aparentam ser independentes do dotado. Na realidade, procedem dêle. São causados por sua telergia, ou pela dos assistentes, condensadas nêle; dirigidas por psicobulia do dotado, etc.

10. TELECINESIA

A ação parapsicológica sôbre objetos distantes, comandados, às vêzes, até pela vontade consciente, porém geralmente pelo inconsciente, é um fenômeno que, desde a mais remota antigüidade e em todos os povos, se atribui a certos dotados.

Aquêles investigadores que abandonaram ou não quiseram entrar por êstes temas da Parapsicologia, simplesmente porque há muita fraude, deram poucas provas de espírito científico. Não investigar porque é muito difícil, é, manifestamente, uma atitude cômoda, porém pouco científica. Menos científica ainda é a atitude daqueles que, não satisfeitos com as condições de experimentação ou observação, em alguns casos particulares, não querem aceitar ou desprezam êste tipo de observação. Se as condições não os satisfazem, que procurem outras melhores, como fizeram alguns parapsicólogos modernos, e que determinem melhor como se deve investigar.

Objetou-se muito contra os metapsíquicos o fato de ter havido muitas fraudes entre êles, como sendo dado anticientífico. Esquece-se, porém, que foram êles que descobriram as fraudes, os primeiros que souberam distinguir enre fraude e fenômeno reais e os primeiros em demonstrar que os fenômenos, fraudulentos ou reais, eram devidos ao inconsciente humano, coisa que durante séculos e séculos vinha sendo atribuído a gnomos ou fadas, pitões ou demônios, ou, pouco antes do início da metapsíquica, aos espíritos dos mortos.

Atrás, dizíamos que algumas das fraudes alegadas são discutíveis. Nem sempre, permanece claro que determinados fenômenos sejam fraudulentos.

INUMERÁVEIS MANIFESTAÇÕES

As telecinesias são inumeráveis e variadíssimas: mesas e cadeiras que movem e se elevam no ar, móveis são arrastados; uma campainha, um tamborim, um bandolim, uma trombeta, um violão, etc. se transladam tocando e revoluteiam pelo ar, sôbre a cabeça dos espectadores. Soam simultâneamente as notas altas e baixas de um piano, vendo-se o movimento, enquanto o pano que cobre as teclas cai ao chão. A manivela de uma vitrola gira, ouvindo-se a música, ao mesmo tempo que o aparelho se revolve pela mesa, com precisão rítmica maravilhosa. Apesar da obscuridade, jarras e vasos com água vêm até os lábios da médium e dos controladores. Aparelhos variados para medir movimentos ou pressões, colocados longe do alcance do médium, fazem registros diretos. Apesar das fraudes, todos os investigadores, os mesmos que as descobriam tantas vêzes, aceitaram a realidade de telecinesia. E tenha-se em conta que muitos dêles organizaram centenas de sessões experimentais, ano após ano, em suas próprias casas ou em laboratório, modificando as condições de investigação inúmeras vêzes, para enfrentar tôdas as dúvidas,

As telecinesias à plena luz são mais escassas, inclusive entre os casos espontâneos, geralmente mais vistosos. Porém, recolhendo fatos de uns e de outros lugares, poderíamos fazer coleções volumosas, Não faltam casos espontâneos, observados, inclusive, por peritos na pesquisa parapsicológica ou metapsíquica.

A MENINA ENCANTADA

Em 1926, o grande especialista HARRY PRICE, entre outros, estudou conscienciosamente o caso da famosa meni-

na Eleonora Zugun, chamada na Alemanha de menina "poltergeist", ou como diríamos em português, "menina encantada".

Ainda que viva e inteligente, psicologicamente era retardada, procedendo aos treze anos como procederia uma menina de oito. Com freqüência, apareciam estigmas "macabros" em seu peito, nos braços e nas pernas, como também inchações no rosto que desapareciam com rapidez, Apresentava vários fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos. As telecinesias eram o principal fenômeno desta menina.

A condêssa Vassilko-Serechki sua protetora, contou 1050 movimentos de objetos em três meses; 67 telecinesias em um só dia.

"O local estava inundado de luz. A condêssa e a menina estavam sentadas uma ao lado da outra sendo atentamente observadas por Price. Esperavam alguma telecinesia. Com efeito, um largo corta-papéis de aço, que estava colocado atrás de Price, levanta-se no ar, passa perto da cabeça do investigador, atravessa o quarto e choca-se contra a porta. Mais ou menos meia hora mais tarde, estando as duas sentadas num divã, num canto do quarto, um pequeno espelho de mão levanta vôo e se projeta contra a parede que ocultava o leito. Pouco depois, Eleonora Zugun escrevia num papel. A uns dois metros dela havia, sôbre uma cadeira, uma grande almofada quadrada. Sob o olhar vigilante de Price, a almofada lentamente, muito lentamente, começa a deslizar da cadeira para o chão."

Não é preciso relembrar que o nome "telecinesia" não corresponde estritamente à realidade. Não se trata de movimento (kínesis) efetuado ao longe (tele), mas na realidade, de um movimento efetuado pelo contato da telergia. Êste contato, contudo, é um contato parapsicoló-

gico. A etimologia se refere à ausência de um contato normal. Somente neste sentido a telecinesia é uma ação à distância.

PSICOBULIA

A telecinesia, como todos os fenômenos parapsicológicos, além do aspecto meramente físico ou de movimentação de objetos pela telergia, tem outro aspecto psíquico: o fenômeno é dirigido pela mente, pelo psiquismo, que deixa no fenômeno sinais de sua inteligência, vontade e demais qualidades.

A êste conjunto de qualidades psíquicas do dotado, geralmente inconscientes, que acompanham ou, melhor, que dirigem os fenômenos parapsicológicos, chamamos psicobulia (psiché = alma; bulé = vontade e reflexão).

11. ECTOPLASMIA

Conhecemos a telergia, que poderíamos descrever como uma força psicofísica exteriorizada. Algumas vêzes esta força está condensada, como já vimos, apresentando-se até visivelmente. Uma fôrça condensada, dirigida pela psicobulia e dependente dela, teoricamente poderia ser modelada. Ao menos a telergia visível possui diversas formas...

A exteriorização desta substância, a sua formação externa, mais ou menos modelada ou modelável, recebe o nome de "ectoplasmia" ou, em concreto, ectoplasma, que deriva do grego ectós = fora e plasma = coisa formada ou modelada. O têrmo foi criado por RICHET: "Inicialmente uma massa confusa, mais ou menos informe... São estas formações difusas que eu chamo ectoplasmas, porque pa-

recem sair do corpo... Às vêzes, vêem-se êste ectoplasmas organizando-se pouco a pouco..." Ectoplasmia designa o fenômeno. Ectoplasma, a substância.

ANALOGIA OOM o MUNDO ANIMAL

Podemos analogar (somente analogar) a ectoplasmia com o mundo animal. Assim, por exemplo, algumas aves de rapina da família das catártidas (como a catarta negra da Venezuela) durante a digestão expelem pelas narinas um líquido viscoso, branquicento, que se parece com o ectoplasma. Do mesmo modo há analogia com as propagações protoplasmáticas das amebas.

O ectoplasma deve ser considerado como um fenômeno de condensação da telergia no sentido amplo em que a levamos em conta.

Num primeiro estado de condensação, a telergia não passa de um fluido ou de uma pequeníssima radiação humana, porém, sempre sendo um verdadeiro fenômeno metafisiológico. Em tal estado inicial de condensação, somente é perceptível mediante técnicas e aparelhos delicadíssimos, sendo capaz de realizar somente pouquíssimo trabalho.

QUALIDADE EXTERNA: FÔRÇA

O ectoplasma pode manifestar considerável fôrça, como aliás se deduz de alguns efeitos, já estudados, de telecinesia. Nas experiências do Dr. CRAWFORD, entre outras comprovou-se que as telecinesias se realizavam por meio do ectoplasma em forma de alavanca.

Crawford provou que a fôrça e agilidade desta alavanca ectoplasmática é muito grande. Vejamos uma descrição, como exemplo:

"ültimamente, grande número de pessoas assistiram a êstes fenômenos e não houve ninguém que não ficasse bastante impressionado. O visitante usual é convidado habitualmente a entrar no círculo, a segurar a mesa quando esta está imóvel e a tentar mantê-la imóvel. Começa então a luta. Se o visitante possui músculos fortes e concentra o seu pêso exatamente no meio da mesa, poderá consegui-lo por um momento. Porém, antes ou depois, a mesa lhe escapa, salta, se inclina, gira, e se a pressão muscular diminui, a mesa se levanta pelo ar. Então, poucas pessoas conseguem fazê-la baixar, apesar dos esforços empregados. Depois desta luta, a mesa volta tranqüilamente ao chão e o visitante é convidado a sentar-se sôbre ela. Não tarda muito tempo e, ao cabo de um momento, a mesa se levanta sôbre dois pés e o faz resvalar para o chão".

Ou pelo contrário: "O pêso da mesa pode ser aumentado a tal ponto (pela pressão do ectoplasma) que um homem vigoroso não pode erguê-la... Uma prova usual, imposta aos visitantes, é fazer-lhes sujeitar a mesa enquanto ela se encontra suspensa a uma altura aproximada de 50 centímetros, a fim de impedir que volte ao solo. Não o conseguirão".

Êste tipo de ectoplasma é geralmente invisível. E quando se faz visível e fotografável, apresenta uma estrutura mais ou menos nebulosa, transparente, etc.

ESTRUTURA INTERNA

Sôbre a análise interna da substância, todas as tentativas sérias fracassaram. Tal análise parece ser até contraditória, porque isto implicaria conservar um pouco de ectoplasma para o laboratório. Porém, o ectoplasma, sempre, é reabsolvido pelo organismo do dotado. Tôdas as vê-

zes que se pretendeu agarrá-lo, desvaneceu-se entre as mãos (exceto, é claro, nos casos de fraude, onde se agarrou sêda, etc.). Dissipou-se entre os dedos de Crookes, volatilizou-se na mão de Bisson, etc.

Em segundo lugar, o ectoplasma, a julgar por suas variadíssimas funções, e segundo o parecer de todos os especialistas, é energia transformada e não, propriamente, um composto químico.

12. ECTO-COLO-PLASMIA

O ectoplasma, como "argila psíquica", teoricamente ao menos, poderia ser maleado para representar diversas figuras. Conforme fôssem os tipos de reproduções, o fenômeno seria classificado com diversos nomes.

Os nomes em uso ou, em outros casos, os que melhor indicariam os diversos tipos de modelagem do ectoplasma, seria: ecto-colo-plasmia, transfiguração, fantasmogênese e materialização. Vamos distingui-los bem:

Ecto-colo-plasmia: É o ectoplasma modelado em forma de membros ou partes de pessoas, animais ou objetos. No conceito de ecto-cólo-plasmia, depois da exposição do fenômeno veremos que se pode incluir certo rudimentarismo na reprodução. A parte ou o membro "modêlo" não se reproduz inteira e perfeitamente (defenderemos que tal fenômeno perfeito não existe).

O membro ou parte dêle é reproduzido rudimentar e imperfeitamente sem a verdadeira densidade e configuração da realidade que se trata de reproduzir. Uma vez afirmado êste rudimentarismo, defenderemos o fenômeno como possível.

Fantasmogênese: Consiste na reprodução ectoplasmática completa de um "fantasma" de pessoa, animal ou coisa. O verdadeiro fantasma não é uma aparição meramen-

te subjetiva. O fantasma possui certa consistência material, porém tênue, mais ou menos transparente com pouquíssimo pêso em comparação com o pêso do modêlo reproduzido. Defenderemos também êste fenômeno como possível.

Transfiguração: Consiste numa simples modificação do próprio corpo do dotado. Não é uma pessoa nova que é materializada. Seria o próprio dotado revestido de ectoplasma e inclusive corporalmente modificado, representando outra pessoa. Defenderemos êste fenômeno como possível.

Materialização: Seria a reprodução perfeita de um nôvo ser. O ser materializado, ao se tratar de um ser vivo, teria tôdas as principais características do ser vivo: pêso, movimento, respiração, calor, etc. Nossa posição diante dêste tão falado fenômeno é que êle não é real.

Ecto-colo-plasmia é mais um neologismo. Transfiguração, fantasmogênese e materialização são têrmos já anteriormente usados na Parapsicologia, ainda que com significados nem sempre precisos e idênticos aos que lhes correspondem pela etimologia e pelo uso mais generalizado entre os poucos teóricos que os distinguem.

Formamos a palavra ecto-colo-plasmia incluindo simplesmente na palavra ectoplasmia o têrmo "colo", do grego "kolon", que significa "membro de pessoa ou de animal", e, por extensão, "parte de um objeto". Ecto-colo-plasmia, portanto, etimologicamente significa o conceito em vista: a telergia condensada e maleável (plasma) exteriorizada (ecto) para formar um membro ou parte de algum ser (colo).

Como sempre também na ecto-colo-plasmia a fraude deve ser levada em conta. A fraude, contudo, não deve intimidar a investigação, pelo contrário: o público espera

que os especialistas decidam, antes de mais nada, se tudo é fraude ou não. Abandonar a investigação porque é difícil, dadas as muitas fraudes, é uma atitude comodista e pouco científica.

CASO BÍBLICO

A Bíblia refere um caso típico de ecto-colo-plasmia: "O rei Baltasar deu uma festa para seus mil nobres... Eis que surgiram defronte do candelabro os dedos de mão humana, escrevendo sobre o revestimento da parede do palácio real. O rei, vendo esta extremidade de mão que escrevia, mudou de côr... (Dan 5,1 e 5).

Não entramos em discussão para saber se aqui se trata de uma página histórica ou talvez da reprodução de uma lenda com fins instrutivos. Em todo caso, a passagem nos mostra que naquela época a ecto-colo-plasmia era considerada possível, real e até não rara, uma vez que havia técnicos para a interpretação dêstes fenômenos: "O rei gritou violentamente para que fizessem vir os magos, os caldeus e os astrólogos" (Dan 5,7).

O FENÔMENO NÃO É DO ALÉM

Sendo a ecto-colo-plasmia na realidade um aspecto da ectoplasmia, ela, como a ectoplasmia, depende totalmente do dotado.

Como na ectoplasmia também, logicamente, na ecto--colo-plasmia se verificou muitas vêzes que o ectoplasma perde pêso durante a aparição dos membros, se êstes não se mantêm integralmente sôbre o próprio dotado, mas se apoiam em algum objeto externo.

Outro fato observado com freqüência e que mostra também que a ecto-colo-plasmia é uma exteriorização,

sem perda de vinculação, da substância do próprio dotado, é o da reação experimentada por êste quando se toca ou se fere o membro exteriorizado.

13. FANTASMOGÊNESE

Convém, mais uma vez, precisar o conceito:

Entendemos por fantasmogênese a produção ectoplasmática de um fantasma inteiro, ao menos aparentemente, de pessoa, animal ou objeto.

O verdadeiro fantasma não é uma aparição meramente subjetiva, mas tem certa consistência material, porém mais ou menos tênue, mais ou menos transparente, com pêso reduzidíssimo em comparação com o pêso do modêlo reproduzido.

Os FANTASMAS SÃO POSSÍVEIS

Já conhecemos a ectoplasmia, a produção do ectoplasma, matéria-prima para modelar as imagens do inconsciente do dotado (ideoplasmia). Com a ectoplasmia e o ideoplasmia se explica a ecto-colo-plasmia. Bem considerado, a fantasmogênese não é um fenômeno essencialmente diferente. Da mesma maneira que se pode plasmar um rosto, um braço etc., pode-se plasmar a imagem mais ou menos completa de um ser, inclusive, compreende-se que a imagem mais ou menos inteira de um ser seja pouco densa, tênue, leve, transparente, ainda que fôsse só por motivos de economia de ectoplasmia. O que aumenta em tamanho diminui em densidade.

Assim considerada, a fantasmogênese não necessitaria nem sequer de uma demonstração específica: simplesmente é uma modificação da ecto-colo-plasmia, outro aspecto de ideoplasmia.

SOMBRA EM MOVIMENTO

WILLIAM CROOKES presenciou algumas fantasmogêneses realizadas pelo mais famoso de todos os dotados, D. D. Home. As qualidades típicas do fantasma (tenuidade, vaporosidade, inacabamento) são muito bem definidas:

"Ao declinar do dia, durante uma sessão do Sr. Home em minha casa, vi agitarem-se as cortinas de uma janela que estava a uns três metros de distância do Sr. Home. Uma espécie de sombra, meio transparente, semelhante a uma forma humana, em pé, foi percebida por todos os assistentes, perto dos postigos da janela. Esta forma agitava as cortinas com a mão e, enquanto nós a olhávamos, ela se desvaneceu e as cortinas deixaram de mover-se".

O FANTASMA ARTISTA

O caso que segue é, entretanto, mais surpreendente. Como no exemplo anterior, o Sr. Home era o médium:

"Uma forma fantasmagórica avançou pela sala, apossou-se de um acordeão e, em seguida deslizou pelo apartamento tocando o instrumento. Esta forma foi vista durante vários minutos por todas as pessoas presentes e, ao mesmo tempo, via-se também o Sr. Home. O fantasma se aproximou de uma senhora que estava sentada a uma certa distância dos outros assistentes. A mulher deu um pequeno grito e logo a sombra desapareceu".

Como se vê, o fantasma apresenta a forma de sombra, é meio transparente, porém sua densidade é suficiente para mover cortinas carregar e tocar um acordeão. A fantasmogênese, como em geral todo fenômeno ectoplasmático (e telérgico), também explica as telecinesias.

CLASSIFICAÇÃO DO FENÔMENO

Pelo que foi visto, é evidente que a fantasmogênese é um fenômeno pertencente àqueles que denominamos extranormais, em contraposição com os paranormais. Os fenômenos extranormais devem-se à energia material, física, como o ectoplasma na fantasmogênese. Os paranormais se explicariam pela atuação de uma energia imaterial, não-física, "diferente de tôda energia física conhecida ou concebível".

Sendo a fantasmogênese um fenômeno extranormal, se compreende perfeitamente que a densidade do fantasma seja inversamente proporcional ao espaço que o separa do organismo que o produz. Num efeito paranormal não teria sentido a influência da distância.

14. TRANSFIGURAÇÃO

A transfiguração consiste na metamorfose do próprio corpo do dotado. Não é uma nova pessoa que se materializa é o próprio dotado externamente modificado e revestido de ectoplasma, de modo que representa outra pessoa, real ou fictícia. Convém ter presente o conceito de transfiguração para não aplicar a outros fenômenos semelhantes o que vamos dizer sôbre ela.

Na transfiguração, o que aparece é o próprio corpo do dotado, em oposição à materialização, que seria uma "nova pessoa", um corpo diferente. A transfiguração e a materialização são freqüentemente confundidas e dão origem às afirmações mais díspares e errôneas.

Em transfiguração, evidentemente, há de haver alguma diferença entre o dotado e a aparição. De outra forma não poderíamos falar de transfiguração. Não obstante,

como tudo indica, a transformação não pode ser total, a aparição conserva bastantes traços, sob os quais se identifica o próprio dotado.

Katie King, com a médium, senhorita Cook, é o caso de aparição mais estudado e mais famoso. Apesar de várias fraudes, a investigação do notável Crookes garantiu a veracidade inegável das "Aparições de Katie King".

Tradicionalmente, o caso de Katie King foi considerado como fenômeno de materialização. Os argumentos apresentados a favor desta interpretação são claramente insustentáveis. Entretanto, são manifestamente válidos para a transfiguração. O próprio Crookes, convencidíssimo da realidade do fato, parece, contudo, ter compreendido que sua interpretação pela materialização, não foi válida.

TRANSFIGURAÇÃO PARCIAL

A transfiguração não necessitaria ser de todo o corpo. Bastaria ser, por exemplo, do rosto ou de alguma particularidade dêle, para produzir, somente com isso, a impressão de que o dotado é outra pessoa.

Um periódico espírita publicava, há muitos anos, uma carta interessante: "A senhorita Crooker, médium muito estimada em Chicago... sob a direção do seu espírito-guia (?) começou, há meses, uma série de sessões para o desenvolvimento de uma nova fase da mediunidade. Suas sessões eram circunscritas à sua família. Uma tarde, quando o fogo da lareira projetava uma linda claridade e quando a luz da Lua chegava também ali, ela se transformou: sua fisionomia mudou completamente de tamanho, forma e aspecto. Seu rosto encheu-se de espêssa barba negra. Todos os que se encontravam à mesa viram o mesmo".

"Seu genro sentado perto, quando ela lhe volveu o rosto, disse: "Oh, mas é meu pai!" Depois êle declarou que a imagem era exatamente a de seu pai, que morrera".

"Pouco depois, a Sra. Crooker se transformou em uma mulher de cabelos brancos. Estas metamorfoses se operavam pouco a pouco, enquanto as testemunhas observavam atentamente a médium... Ela conservava a consciência de si mesma, porém experimentava a sensação viva de pontadas por todo o corpo, exatamente como se segurasse os pólos de uma pilha galvânica".

Mera alucinação? Exageração? Fraude? Não possuímos nenhum dado a respeito dos métodos de observação empregados, nem atas das experiências. Nem sequer foram assistidas por algum observador ou investigador de confiança...

Vimos que a ecto-colo-plasmia é possível. Tenhamos, pois presente que uma transfiguração como a descrita não é mais complicada e difícil que uma ecto-colo-plasmia e, inclusive, menos que esta.

ANÁLISE DA TRANSFIGURAÇÃO

O mesmo que dizíamos nos capítulos anteriores, temos que repetir a propósito da absorção do ectoplasma transfigurador nos fenômenos de transfiguração. Assim como um verdadeiro ecto-colo-plasma (verdadeiro enquanto que é diferente de truques ou inclusive de outros fenômenos, como "aporte") não pode ser conservado, porque necessariamente será reabsorvido pelo médium; do mesmo modo, não se pode conservar nenhuma parte do ectoplasma transfigurador de uma verdadeira transfiguração.

Por exemplo, a sra. Ross-Church (Florence Marryat) foi testemunha de muitíssimas aparições de Katie King. Entre elas, claro está, consideramos principalmente aque-

las que foram assistidas pelo Dr. William Crookes. Prescindimos, nas experiências dirigidas pelo Sr. Luxmore, em seu círculo espírita, de tudo aquilo que não foi confirmamado experimentalmente por Crookes. Pois bem, escreve a Sra. Ross-Church:

"As pessoas que assistiam às sessões pediam muitas vêzes a Katie que lhes desse um pedaço de seu vestido como recordação. Ela distribuía de boa-vontade êstes pedaços, que cada um levava. Algumas pessoas, inclusive, tiveram a precaução de colocar o tecido em um envelope fechado. Porém, ao entrarem em suas casas, o pano havia desaparecido para grande surprêsa das ditas pessoas".

Em outras ocasiões, a reabsorção era feita à vista dos assistentes:

"Uma noite, quando Katie rasgou muito seu vestido, eu lhe disse que êle necessitaria de grandes reparos. Ela explicou: "Vou mostrar-lhes como trabalhamos no mundo dos espíritos" (?!) Levantou parte do seu vestido e o recortou com a tesoura, fazendo cêrca de quarenta buracos. Depois perguntou: 'Não é uma bonita peneira?'"

Estávamos muito perto dela. Vimo-la então sacudir a saia suavemente (outra testemunha disse que foi com força) e depois todos os buracos desapareceram sem deixar o menor vestígio.

Notando nossa admiração disse: "Cortarei meus cabelos". Naquela noite, Katie tinha o cabelo escorrido até a cintura. Tomei a tesoura e me pus a cortá-los seriamente, tão rápido como podia (exagêro: na realidade, segundo as outras testemunhas, quem cortou foi a própria Katie, ou seja Cook transformada). Ela dizia: "Cortai mais, cortai mais, não para vós, bem o sabeis já que não o podereis guardar". Cortei, então, mecha por mecha (exagêro: não cortou tudo, mas somente as pontas, a

parte que correspondia ao ectoplasma sobressalente dos cabelos de Cook), e depois que caíram por terra, voltaram para a cabeça de Katie. "Disse-me que lhes examinasse os cabelos no lugar onde os havia cortado. Busquei bastante sem poder encontrar, todavia, nenhum corte aparente: as mechas de cabelo caídas ao chão haviam desaparecido."

CLASSIFICAÇÃO DO FENÔMENO

Do exposto sôbre a transfiguração, é evidente também que o fenômeno deve ser classificado, como dissemos, entre os extranormais: na transfiguração, o corpo da médium é inegavelmente material. Evidentemente, o ectoplasma transfigurador, também é material.

15. MATERIALIZAÇÃO

Nenhum fato, nem espontâneo nem experimental, pode ser invocado em favor da materialização. Ao contrário, as experiências apresentadas pelos defensores dela provam, na verdade, que a materialização não existe. Dêstes casos se deduz que nem os melhores dotados, nas melhores circunstâncias, nem cientistas conceituados, com todos os seus esforços, jamais conseguiram nenhuma materialização. Êstes são os fatos.

O próprio conceito teórico da materialização é inadmissível. Sem nos determos demasiado em teorias, vamos fazer algumas considerações acêrca do conceito em si, ou da "explicação" teórica da materialização.

A teoria da materialização se opõe a um princípio científico universal: a economia das hipóteses. Para explicar as aparições por materialização, devemos supor primeiro, que todo o médium, ou quase todo, foi desmaterializado sem que isto lhe acarretasse a morte definitivamente. E depois,

"os espíritos do além" formariam um novo corpo completo, real, completamente materializado de carne e ossos sólidos, com sangue, leucócitos, etc., com todos os órgãos instantâneamente formados e solidificados... E todavia, em uma espécie de nova criação, lhe infundiriam a vida, a inteligência, etc., ou um "espírito desencarnado", por um poder inexplicável, se uniria a êsse corpo e animaria seus músculos, suas artérias, seus nervos, seu cérebro, etc., animando um corpo que não fôra o seu. E isto se daria de um modo que o nôvo ser não seria uma personalidade diferente, mas a mesma pessoa de que formara parte o "espírito desencarnado" antes de "desencarnar-se", ainda que isto, filosoficamente, seja impossível e inadmissível. E ainda mais, os "espíritos do além" haveriam de desmaterializar novamente a aparição e "ressuscitar" a médium. Muito complicado, muito difícil, inexplicável.

Pelo contrário, a transfiguração é muito mais simples: o próprio médium se transfigura um pouco.

Concluindo o quanto foi dito, além da ectoplasmia e transfiguração, admitimos a ecto-colo-plasmia e a fantasmogênese, porém não a materialização.

A "OUTRA" PERSONALIDADE

Segundo os espíritas, o fato de que as "materializações" possuam todos os atributos intelectuais capazes de caracterizar uma individualidade física, somente poderia ser explicado por meio de possessão temporal (do médium) por uma entidade inteligente, de origem desconhecida", como dizia ROCHAS. OU, como dizia BOZZANO, "força a conclusão de que a idéia diretriz ou a vontade em ação é completamente estranha ao médium e aos assistentes". A ciência demonstra o contrário.

O Dr. E. PASCAL relata a observação de um médium que revelou o desejo de entrar em comunicação com uma

irmã falecida recentemente, porém, que, na realidade, não havia existido: êle lhe deu o nome de Ivone e, pouco tempo depois, guiado pelo espírito de um médico hindu (?!), o médium anunciou a presença de um nôvo espírito. Êste falou com voz feminina, apresentando-se como Ivone, e referindo-se a seus pais, relatou particularidades interessantes da vida da família de Pascal, que êste já havia esquecido. O Dr. Pascal, que se ocupou especialmente de fenômenos metapsíquicos, mostra que todos êstes fatos põem em evidência a origem sugestiva das personalidades mediúnicas (nascidas do inconsciente do médium que capta parapsicològicamente os dados, inclusive de pessoa e lugares distantes). E acrescente-se que a extraordinária objetividade e a intensa realidade destas personalidades, que puderam enganar argutos observadores acêrca de sua exata natureza, são provas da fôrça que pode ter a sugestão inconsciente (ou, em geral, prosopopéia) no transe mediúnico.

FIM DA ESCOLA MATERIALISTA PURA

De todos êstes fenômenos ocupou-se a Parapsicologia de todo o mundo, inclusive mais profundamente que na Rússia. Porém, os enquadramos dentro da escola materialista, já que são fenômenos devidos aos sentidos, direta ou indiretamente. Encaixam, mais ou menos perfeitamente, dentro de uma concepção materialista do homem.

Porém, não termina tudo aí. A escola materialista, não investigara os fenômenos de telepatia a longa distância a retrocognição ou conhecimento do passado, a precognição ou conhecimento do futuro, a movimentação de objetos a muitos quilômetros de distância, etc., etc. Fenômenos que muito bem têm sido chamados "ferro candente" da parapsicologia materialista.

Porém, no ano de 1960, a parapsicologia materialista tropeçou na Universidade de Leningrado: BECHTEREV e VASSILIEV tentaram tocar nesse ferro.

No campo eletromagnético é conhecido o efeito da "gaiola de Faraday", dentro da qual se anulam as ações de indução e não se pode detectar ondas de nenhum tipo. Um pequeno receptor radiofônico, por exemplo, introduzido pouco a pouco dentro de um recipiente metálico: sua música diminui de intensidade até desaparecer, quando estiver totalmente envolto pelo metal. Pretendendo evidenciar que a chamada telepatia era uma transmissão de ondas eletromagnéticas cerebrais, um agente telepático foi introduzido na "gaiola de Faraday". Ocorreu, entretanto, que as transmissões telepáticas continuaram, sem serem afetadas por êstes obstáculos físicos. Daí nasceu, ao lado da cátedra de Parapsicologia da Universidade de Leningrado, e sob a direção do Prof. Vassiliev, o "Instituto para a Investigação de Fenômenos Parapsicológicos Remotos". O Instituto conta com um número considerável de colaboradores especializados e grandes facilidades financeiras.

Inúmeras experiências fizeram reconhecer, segundo as palavras do próprio Vassiliev, "a existência de alguma fôrça própria das transmissões cerebrais, mentais, irredutíveis aos agentes físicos..." Experiências de hipnotismo à distância no espaço e no tempo convenceram cada vez mais a Vassiliev e à parapsicologia russa de que existe um elemento espiritual no homem. Na Rússia! Nos escritos de Vassiliev, além da frase já citada, se encontram várias outras frases que afirmam que não somente aceitam os fenômenos que nós chamamos "extranormais", fisiológicos, mas também que já aceitam os fenômenos "paranormais" extra-sensoriais, espirituais, como a escola espiritualista, que agora analisaremos.

CAPÍTULO III

ESCOLA ESPIRITUALISTA

Liderada por J. B. RHINE, catedrático de Parapsicologia da Universidade de Duke, Durham, Carolina do Norte. RHINE, PRATT, PÊARCE, com muitos outros investigadores de diferentes nações, se dedicaram, desde o comêço, à investigação dos chamados fenômenos PARANORMAIS, que não se podem explicar, a não ser que se admita no homem a existência de uma faculdade espiritual.

FENÔMENOS PARANORMAIS DE CONHECIMENTO

Paranormal, etimologicamente significa à margem do normal. Em sentido real, depois das investigações, significa espiritual, faculdade espiritual de conhecimento. RHINE (Estados Unidos) e VASSILIEV (Rússia) o definiram nestes têrmos: "Fenômenos que não se devam a nenhum tipo de energia física conhecida, nem possível". Não físico, mas real, é sinônimo de espiritual no significado comum do têrmo.

1. PSI-GAMMA

Das letras gregas psi, início da palavra psiché, que significa alma, e gamma, comêço da palavra gnosis, que significa conhecimento, conhecimento próprio da al-

ma, em contraposição ao conhecimento próprio do corpo, dos sentidos.

O Dr. PBATT manejava um conjunto de cartas de um baralho Zener, no atual edifício da Faculdade de Ciências da Universidade Duke. Ao mesmo tempo, o Dr. JEBBEKT PEARCE estava em outro edifício, onde fica a atual sala de leitura, no fundo da biblioteca da Universidade. Antes de se dirigirem cada qual ao seu respectivo lugar, sincronizavam seus relógios. Uma vez nos seus gabinetes o Dr. Pratt baralhava cuidadosamente as cartas e colocava depois o baralho no canto esquerdo da mesa. No momento combinado para o início da prova, o Dr. Pratt pegava a primeira carta e, sem olhá-la colocava-a com a figura para baixo sobre um livro, no meio da mesa. Esperava um minuto. Depois retirava a carta, sem olhá-la e a passava ao ângulo direito da mesa, sempre com a figura para baixo. Imediatamente, fazia o mesmo com as cartas seguintes, até passar as 25 cartas do baralho especial. Cada prova durava, pois, 25 minutos.

O Dr. Pearce, em seu gabinete, no outro edifício, havia consignado na sua folha de registro, a cada minuto, o símboló da carta que, segundo seu parecer, o Dr. Pratt havia retirado nesse minuto. No conjunto de 300 tentativas, o Dr. Pearce acertou 119 vêzes. O lógico era esperar, por acaso, em 300 tentativas 60 acertos. O Dr. Pearce, não obstante, conseguira 119 acertos, quase a metade das cartas. A possibilidade de tal resultado, segundo a estatística matemática, está expressa por uma fração de 1 sobre a unidade seguida de 15 zeros. Fizeram-se milhares e até milhões de experiências de laboratório, e análises científicas de milhares de casos espontâneos. Casos existem em que o conhecimento se deu a muitos quilômetros de distância, apesar de quaisquer obstáculos, conhecimento do passado e do futuro.

Todos já ouviram falar de casos como, por exemplo, do naufrágio do transatlântico Titanic que foi anunciado detalhadamente pelo Sr. O'Connor. A queda do dirigível Alitália havia sido anunciada também com todos os detalhes. Mais recentemente, a morte de John Kennedy havia sido prenunciada pela Sra. Dickson... Em todas as épocas e em todos os povos, há mães que pressentem e anunciam com todos os pormenores a morte ou acidentes de seus filhos ou sêres queridos. Adivinhos como Gerard Croiset ou como o Sr. Schackleton ou como a Sra. Stewart são "cobaias" de laboratórios universitários de Parapsicologia. Expressam o passado, o presente e o futuro casual e livre, minuciosamente, e acertam em muitos casos, além do previsto pelo acaso.

Com estas demonstrações provou-se cientificamente a existência no homem de uma faculdade espiritual de conhecimento.

Esta faculdade foi chamada PSI-GAMMA.

Na vida ordinária, a emergência dos conhecimentos inconscientes desta faculdade ao consciente são relativamente freqüentes, sobretudo quando se trata de acontecimentos estranhos em tôrno de pessoas queridas. A emotividade rompe a porta da passagem do inconsciente ao consciente. O talento do inconsciente se encarrega de dramatizá-los como provenientes do demônio, dos espíritos dos mortos, inclusive de fictícias entidades do além, segundo o ambiente.

Uma jovem de Campinas (São Paulo-Brasil), desperta de repente e verifica no relógio de cabeceira que são 6 horas e 35 min. Ao sentar-se na cama, vê refletido no espelho do guarda-roupa a imagem de seu noivo, que deveria estar a 300 km de distância.

Ocorreu que o rapaz sofresse um acidente e fôsse quase atropelado por um caminhão. Seu relógio se quebrou no momento do acidente: marcava exatamente 6 horas e 35 min.

Um conhecimento de psi-gamma irrompe durante o sono (estado que facilita a percepção consciente das captações inconscientes). Despertada a percipiente, a percepção inconsciente se projeta sôbre o espelho (as superfícies lisas e brilhantes, como água, vidro, bolas de cristal, etc., facilitam a projeção de percepções inconscientes).

Esta faculdade do nosso inconsciente, que todos temos, conhece tudo o que ocorre dentro do nosso mundo. Os obstáculos físicos, tais como paredes, montanhas, etc. que se possam interpor entre o sujeito e objeto, não dificultam o funcionamento da faculdade. Assim também, os vínculos físicos, fios por exemplo, unindo sujeito e objeto ou agente, não favorecem os resultados, a não ser que o sistema usado seja uma espécie de cumberlandismo, o que favoreceria a comunicação hiperestésica, não a psigâmica.

Psi-gamma prescinde da distância. Comparando os resultados obtidos a diferentes distâncias, desde alguns quilômetros (ou metros) até muitos milhares de quilômetros, tem-se a nítida impressão de que a distância e os obstáculos não têm influência sôbre os resultados. A única coisa que parece influir no caso é a própria faculdade de percepção extra-sensorial do sujeito (ou sua capacidade de manifestação) nas diversas circunstâncias. Igualmente esta faculdade prescinde do tempo. Conhece o que ocorreu neste mundo, assim no passado, diretamente até um século e meio atrás, mais ou menos (retrocognição); como no presente (simulcognição) e no futuro, como veremos, alcançando até um século e meio adiante (precognição). É evidente que se em determinado caso

ignoramos se de fato conhecemos êste futuro direta ou somente indiretamente, tal conhecimento não deve ser classificado como precognição, a não ser em uma classificação prática.

ESPIRITUALIDADE

Esta faculdade de conhecimento que chamamos paranormal não é influenciada pela maior ou menor distância entre o objeto conhecido e a pessoa que conhece. Por conseguinte, já por êste mesmo fato, se dá a entender que se trata de uma faculdade espiritual. Qualquer energia física se transmitiria de maneira inversamente proporcional ao quadrado da distância. Inclusive, não há obstáculos: o radar ou o rádio, por exemplo, não funcionam dentro do mar. Para esta faculdade que o povo chama telepatia, não importa que o objeto de conhecimento esteja dentro ou fora do mar, dentro ou fora da gaiola de Faraday... A faculdade paranormal de conhecimento também não se deixa influenciar pelo tempo. Nenhum tipo de energia física poderá desprender-se de um acontecimento que ainda não existe, para influir no adivinho, por exemplo, trinta anos antes. Esta faculdade paranormal de conhecimento não tem tempo, conhece, como veremos, até um futuro casual e livre.

A ciência, quando nos primeiros anos de investigação se encontrou frente a êsses fenômenos paranormais de conhecimento, supôs aprioristicamente que se tratava de uma adivinhação sensorial, não espiritual porque a ciência do final do século passado e princípios dêste era, salvo raríssimas exceções, materialista. Aprioristicamente, chamaram esta faculdade de "criptestesia", que significa sensação, percepção sensível, de algum tipo de energia desconhecida, ainda que diferente de tôdas as energias físi-

cas conhecidas. Ou, então, a chamavam de *sexto sentido* porque nenhum sentido conhecido explicava êstes fatos. Mas, supunham que era algo sensorial.

À medida que a ciência foi avançando na análise dos casos e das experiências, foi se compreendendo que não se podia incluir na etimologia as características dos fenômenos sensoriais, porque não possuía nenhuma das características dos fenômenos sensoriais. Chamaram-no, então, de "matagnomia", que significa conhecimento além do normal, porém não decidiram definir-se nem a favor nem contra a espiritualidade do fenômeno ou sua sensorialidade.

Em 1934, os parapsicólogos da escola norte-americana chegaram à conclusão unânime de que se tratava de um fenômeno espiritual, imaterial, extra-sensorial, e o chamaram "percepção extra-sensorial".

Surgiu no mundo a maior polêmica que se conhece no campo das investigações psíquicas.

Por fim, em 1954, tôda a parapsicologia ocidental (excluindo os parapsicólogos russos e os dos países da Cortina de Ferro), reconheciam no Congresso Internacional de Utrecht, que existia de fato uma faculdade espiritual de conhecimento, a que chamaram psi-gamma, que significa conhecimento da alma, próprio da alma, não do corpo; espiritual, não sensorial.

A parapsicologia russa, ou também chamada escola materialista, não havia estudado êste fenômeno. Na Alemanha, porém, surgiu, por obra do Dr. HANS BENDER, catedrático de Parapsicologia da Universidade de Friburgo, uma frase irônica. Chamou a êstes fenômenos paranormais "o ferro candente para a parapsicologia russa". Quando os parapsicólogos da escola materialista investigassem êstes fenômenos, queimar-se-iam.

Os Drs. GULIAEV e VASSILIEV, professores de Parapsicologia nas Universidades de Moscou e Leningrado, chegaram com tôda sorte de demonstrações científicas a êstes fenômenos e se queimaram. E como bons cientistas tiveram que reconhecer que haviam demonstrado em laboratório que existia no homem uma faculdade espiritual de conhecimento.

Hoje, não há em parte alguma do mundo, um parapsicólogo materialista.

2. PRECOGNIÇÃO

O famoso navio "Titanic" naufragou tragicamente na noite de 14 para 15 de abril de 1912. O Sr. J. O'Connor tinha reserva de passagem para si e para a família nesta viagem. Mas, uns dez dias antes da data destinada à saída do navio, O'Connor sonhou que "via o navio com a quilha ao ar e a bagagem e os passageiros flutuando ao redor".

O'Connor, para não assustar seus familiares e amigos, não contou nada. O sonho se repetiu na noite seguinte. Ainda assim O'Connor ocultou-o. Tendo, então, recebido notícias da América que se poderia retardar sua viagem, decidiu prestar ouvido ao sonho e mandou cancelar sua reserva no "Titanic". Pôde, então, contar o sonho a seus amigos, como explicação do porquê não viajava. Não queria correr riscos, uma vez que a viagem não era urgente.

O caso foi referido pelo próprio protagonista à "Society for Psychical Research" de Londres. Além disso, enviaram à mesma sociedade seu testemunho em carta assinada, três dos amigos a quem O'Connor contou, uma semana antes da partida do navio, os sonhos que tivera. O'Connor apresentou, aliás, como comprovante, os passaportes e a reserva de passagens.

Pura casualidade, ou será que o homem tem a possibilidade de conhecer o futuro?

O fato é que em tôdas^as épocas e em todos os povos, acreditou-se na adivinhação do futuro.

Na antiga Grécia, na Roma, no Egito... na Idade Média, ser adivinho constituía uma profissão admitida. Atualmente os adivinhos estão proibidos por lei, teòricamente. Na prática, quem não conhece a cigana que lê a palma da mão? ou a senhora com sua bola de cristal? ou os astrólogos, cartomantes, médiuns "videntes", etc.?

A Parapsicologia estudou o problema. Nos arquivos há anotados milhares e milhares de casos comprovados, nos que se testemunham fatos de conhecimentos do futuro. Muitos dêstes casos não resistem a uma análise séria... Mas milhares de outros, quando menos, são muito sugestivos em prol da precognição autêntica.

São muitas as experiências de laboratório, principalmente a base da estatística matemática. Por exemplo, pergunta-se ao "dotado" a ordem em que iriam as cartas de um baralho, depois de bem misturado, no futuro. Muitos "dotados" adivinhavam com freqüência, muito por cima da probabilidade ou acaso.

Objetou-se que o "dotado" poderia influenciar sôbre aquêle que embaralhava as cartas. Construíram-se máquinas especiais, que de uma maneira imprevisível embaralhavam as cartas. Os êxitos continuaram. Ainda objetou-se que poderia haver um influxo do inconsciente sôbre as máquinas (telecinesia e psi-kappa) passou-se então, a cortar o maço de cartas de acordo com a temperatura máxima ou mínima de determinada data futura e os dotados continuaram a prever como ficariam as cartas. Objetou-se que poderia ser uma influência do inconsciente sôbre o clima! Puseram uma barreira intelectual com-

pletamente intransponível, sôbre-humana e assim a Parapsicologia continuou a experimentar em condições cada vez mais e mais rigorosas.

A ciência internacional examinou sob todos os pontos de vista, os resultados obtidos, manifestando em sucessivos congressos que, de fato, está cientificamente demonstrada a existência no homem da faculdade de conhecimento direto do futuro.

Isto não quer dizer que exista o destino, mas que o homem é capaz de conhecer aquilo que livre e casualmente acontecerá, sendo psi-gamma uma faculdade espiritual não se submete às leis do tempo (nem do espaço) como a matéria.

Muitas pessoas que não filosofam ou não conhecem filosofia, ao ouvir falar de que nosso psiquismo inconsciente pode conhecer o futuro, pensam que existe o determinismo, o fatalismo. Na realidade, é o contrário: se tudo estivesse já prefixado, determinado, o conhecimento dos acontecimentos do futuro seria conhecimento daquilo já escrito, já determinado, já prefixado, e não seria conhecimento direto do futuro. Não seria precognição, mas simulcognição. Ao demonstrar a precognição, a Parapsicologia teve que demonstrar primeiro em laboratório que o conhecimento se referia a fatos independentes, não prefixados, indeterminados do futuro com respeito ao presente.

Se existe a precognição, por que proibir os adivinhos? Por que ninguém pode controlar esta faculdade. As precognições (ou psi-gamma em geral) é essencialmente espontânea e incontrolável.

3. TIE

Os teóricos do espiritismo (Allan Kardec, Aksakof, Lombroso, Bozzano, etc.) insistiram muito nos casos em que se "adivinham" coisas que ninguém sabia conscientemente. Hoje, entretanto, sabe-se que é mais fácil adivinhar o inconsciente de uma pessoa que o seu consciente. Êste fenômeno psi-gamma se conhece sob a sigla TIE (Telepatia sôbre o Inconsciente Excitado). O principal investigador dêste fenômeno foi o mexicano Pe. CARLOS MARIA HEREDIA, S. J.

Um exemplo, o Pe. Heredia havia marcado num papel, em espanhol, o nome de uma erva desconhecida nos EE.UU., "beldroega", juntamente com a tradução em inglês "purslane". Vários meses depois, esqueceu completamente o nome inglês da erva rara. Em uma conferência pública, diante de mais de 500 pessoas, em Nova Orleans, foi distribuído papel e lápis a mais de 30 pessoas que se julgavam especialmente dotadas.

Então, o Padre pensou em espanhol a palavra "beldroega" sem dizê-la. Depois de algum tempo, levantou-se um jovem, dizendo: "Sem saber como, escrevi uma palavra que eu não conheço". E entregou-lhe o papel, no qual estava bem claramente a palavra "purslane". De tal modo estava esquecida pelo consciente do Pe. Heredia a tradução inglêsa da palavra espanhola pensada, que teve que recorrer às suas anotações para confirmar que aquela era a verdadeira tradução.

O pensamento consciente da palavra espanhola excitou por associação, no inconsciente, a tradução inglêsa. O pensamento inconsciente foi captado por TIE e manifestado pela escrita automática, fenômeno que facilita muito a revelação de conhecimentos inconscientes. Claro

está que psi-gamma, que não tem distância nem tempo (dentro de nosso planêta e no espaço de dois séculos) conhece, e, às vêzes, pode manifestar, dados de pessoas e objetos ausentes, contra o pressuposto pelos teóricos do espiritismo, demonologia ou outras interpretações supersticiosas.

Eis um exemplo: Era o dia 17 de janeiro de 1952. Numa sala de Rotterdam deveria realizar-se uma reunião no dia 20 (três dias depois). Havia trinta lugares. Ao acaso, escolheu-se o número 18 e perguntou-se ao Sr. Croiset quem haveria de sentar-se naquela cadeira. Depois de alguns instantes (escreve o Dr. Tenhaeff), o Sr. Croiset me disse que não recebia nenhuma impressão e pediu que indicasse outra cadeira. Foi o que fiz. Croiset revelou-nos então, que nesse lugar sentar-se-ia uma senhora com cicatrizes no rosto, conseqüência de um acidente de automóvel durante uma temporada na Itália. Com relação à senhora, lembrou-se da "Sonata ao Luar".

"No dia 20 de janeiro, às 20,45 h, verificou-se que dos 28 convidados à reunião compareceram somente 27 e que a cadeira 18 (diante da qual Croiset não experimentara reação) ficou desocupada. No outro lugar, pelo qual se havia perguntado a Croiset, sentou-se a senhora de um médico. Tinha cicatrizes no rosto, resultantes de um acidente de automóvel durante umas férias na Itália (cicatrizes que a afetavam muito). O marido afirmou que a "Sonata ao Luar" incomodava muito sua esposa, já que a música estava relacionada com um caso íntimo de sua vida.

4. SUGESTÃO TELEPATICA

Um fenômeno que não podemos deixar de analisar é a chamada sugestão telepática. O "mérito" exclusivo é da

pessoa que capta. O fenômeno se deve à faculdade psi-gamma do percipiente.

Na percepção normal sou eu quem devo ter em perfeitas condições meu ôlho, minha retina, meu nervo ótico, e minha circunvolução cerebral que corresponde à visão. O mérito exclusivo é meu. As coisas que se vêem não passam de objetos externos. Minha faculdade ótica necessita de certas condições: se o objeto é muito pequeno não o vejo; se está muito longe, também não o percebo. Não passa, porém de objeto e de circunstâncias externas. Sou eu quem deve ter as faculdades em condições. O mesmo acontece na sugestão telepática.

De fato, algumas pessoas, se forem dotadas de faculdades parapsicológicas, podem adivinhar o que uma pessoa lhes quer sugerir. Não é o caso, porém, que esta as domine. O "agente", se possui realmente qualidades, excitará mais, aumentará mais o brilho do objeto que deve ser captado, porém não passa de objeto e condições extrínsecas.

Pode suceder alguma vez, que um dotado adivinhe os desejos de outra pessoa, e a propósito dêste fato se crie a lenda e se acredite que a bruxa possa sugerir uma corda para que o enamorado tropece nela e caia. Se o enamorado não é dotado de faculdades parapsicológicas, não há bruxa capaz de fazê-lo cair. Porém se é um dotado, ainda que a bruxa tenha muito poucas faculdades, êle pode adivinhar. Não é um poder da bruxa, é um poder da vítima.

Como esclarecimento, vejamos um exemplo de sugestão telepática, numa investigação pessoal: Uma senhora de São José dos Campos, perto de São Paulo, está vendo televisão com seu marido. Adormece e tem uma alucinação. Sonha que está vendo uma rua de São Paulo que reconhece. Está vendo o número da casa e o retém na

memória. De repente, em sua alucinação ouve a freiada de um táxi e o motorista dizendo: "Meu Deus, matei um homem". Vê gente se acercando, vê o motorista saindo do carro e o policial que chega e pergunta seu nome. Ela guarda o nome do taxista acompanha a polícia para ver o número da placa do carro e o guarda na memória. Depois ela olha para o solo e vê um homem morto, enquanto o sangue corre pelos paralelepípedos. O policial move um pouco a cabeça do atropelado para ver se está vivo ou morto e então a senhora dá um grito e desperta. Diz ao marido: "Que susto acabei de levar! Sonhei que você havia sido atropelado em São Paulo, na rua tal. O motorista do taxi chama-se fulano de tal, o número da placa do carro..."

Uma filha dêste casal, que era minha secretária, se inteirou do caso e pensou que "possivelmente era uma tolice, o inconsciente inventa muitas tolices. Alguma vez pode acertar, a maior parte das vêzes se equivoca. Porém, se por acaso... vamos tomar nota... talvez seja de interêsse científico..."

Dois meses mais tarde, êste senhor morre em São Paulo, atropelado por um táxi, com a mesma placa, nome, número, etc.

Durante a agonia do acidente ou durante a morte aparente, o inconsciente, evidentemente, estava pedindo ajuda querendo comunicar a notícia à família. Êste desejo ou sugestão assim como os demais dados do acontecimento, foram captados psigâmicamente pela esposa. Somente que a sugestão telepática como todo fenômeno psigâmico, prescinde do tempo: os fatos foram captados antes do acontecimento, isto é por precognição.

5. PSI-KAPPA

Terminamos aqui a exposição dos fenômenos de conhecimento, ou de efeitos psíquicos, tanto extranormais, como paranormais. Estudamos também os fenômenos extranormais de efeitos físicos. Deveríamos iniciar a análise dos fenômenos paranormais de efeitos físicos, tais como bilocação a quilômetros de distância, sem interferência de obstáculos, etc.

Tal estudo nos levaria a tratar e discutir os fenômenos que se englobam sob a faculdade que se chama PSI-KAPPA. Dizemos, unicamente, que êstes fenômenos paranormais de efeitos físicos, concretamente, sua classificação como realmente paranormais (e não simplesmente extranormais, ou em alguns casos, sobrenaturais) são entretanto muito discutidos. Faremos uma análise detalhada num outro volume, atualmente em preparação.

CAPÍTULO IV

ESCOLA ECLÉTICA

Outra escola importante é a que poderíamos chamar eclética, liderada principalmente pelos europeus. São os investigadores que estudam os fenômenos "extranormais", como a escola materialista, e também os "paranormais", como a escola espiritualista.

Sôbre a escola eclética, como sôbre sua derivada — a escola teórica — estamos preparando livros que possam servir de texto ou de aprofundamento na matéria, como nos temas tratados até agora.

Não sendo fácil suprir, por enquanto, esta deficiência, ao menos em forma sistemática, preferimos para êste breve trabalho, dar algumas respostas às perguntas que mais freqüentemente nos são feitas nos cursos de divulgação. Referimo-nos a perguntas que se encaixam dentro dos temas estudados pelas escolas eclética e teórica.

1. PSICO-HIGIENE

Pela enorme propaganda de que foi objeto intencionalmente, nos referimos a um caso concreto e atual.

O caso de Pedro José de Freitas, "Arigó", é interessante e ao mesmo tempo lamentável. Talvez possuísse algumas

pouquíssimas e pequeníssimas faculdades parapsicológicas no que concerne a curas, faculdades que, em Parapsicologia, chamamos de psico-higiene. Têm sido estudadas muito bem, especialmente pela escola européia, na Alemanha por exemplo, pelo Dr. HANS BENDER, catedrático de Parapsicologia na Universidade de Friburgo. Êstes fenômenos de psico-higiene são maravilhosos, pois o psiquismo tem um poder despótico sôbre o organismo. Há curandeiros que fazem, inclusive, operações a distância, que fazem operações sem instrumentos que dão veneno e curam, etc.

A um dotado de faculdades de psico-higiene, diante de um prêmio Nobel em Medicina, disseram que lhe davam açúcar, porém lhe deram estricnina... O nível de açúcar subiu no sangue e não teve nem disenteria. Até no hipnotismo pode surgir o poder do psiquismo sôbre o organismo. Esdeile, em Calcutá, cortou duas pernas, as duas, de uma pessoa, sem dor, sem sangue, sem infecção. Há dotados que têm feito verdadeiras maravilhas.

"Arigó", pelo contrário, não fêz maravilhas. Arigó não fêz operações complicadas. Quando o Dr. Barnard chegou ao Brasil, começou-se a dizer na imprensa que Arigó ia fazer um transplante de coração. Porém, êle não sabia fazer operações complicadas, nem sequer era capaz de realizar operação de apendicite.

O que êle fazia é muito simples: por exemplo, extrair (um ectirigio)... Qualquer enfermeiro pode fazê-lo. Por falta de calcificação, sai uma espécie de pele no ôlho, raspa-se um pouco, se desprende e somente é necessário cortá-la com uma tesourinha. Depois afirma-se que era operação de cataratas...

Arigó não permitia que êle fôsse estudado por nenhum cientista que não espírita, muito menos se parapsicólogo. Tem-se falado muito de Henry Puharit. Puharit não é parapsicólogo, mas um médico conhecido como espírita...

Parece que Arigó se havia "especializado" em "operações" nos olhos. É por onde começam todos os curandeiros. O ôlho chama muito a atenção. Porém, uma gôta de lágrima misturada com dois litros de água, ainda demonstra seu poder natural desinfetante extraordinário. O ôlho quase não tem irrigação sanguínea, portanto é lógico e não-extraordinário que não verta sangue...

Párapsicològicamente, nosso inconsciente conhece tudo o que sabem tôdas as pessoas em nosso mundo. Basta que um cirurgião saiba fazer uma operação para que nosso inconsciente saiba fazer essa operação. Se em alguma circunstância especialíssima, o inconsciente tomasse suficientemente conta da máquina humana, não seria inexplicável que um curandeiro pudesse fazer uma operação de apendicite, de catarata ou de hérnia.

Há pouco, morreu em São Paulo um fervoroso espírita por causa de uma enfermidade que, se cuidada a tempo, um enfermeiro poderia ter curado, porém êle recorreu a Arigó...

Em São José dos Campos no sanatório de tuberculose, muitos dêles são enfermos, comprovados, por culpa de Arigó. A maioria, por ter recebido excesso de medicamentos. Arigó acreditava, anteriormente, que quanto mais doses, a cura seria tanto mais rápida e administrava quantidades desaconselháveis.

Por fim, Arigó já não se aventurava a "adivinhar" os diagnósticos, a não ser evidente, porque aprendeu a ser prudente ... e exigia que lhe trouxessem o diagnóstico feito pelo médico. Se os enfermos não soubessem o diagnóstico, pedia ao menos os sintomas. Neste caso, se a enfermidade fôsse fácil, êle, que levava vinte anos de curandeirismo, muitas vêzes sabia quais seriam os remédios. Se

não fôsse fácil êle dizia: "Olha, você está pagando pelos pecados da reencarnação anterior. Não vou curá-lo, tenha paciência..."

2. PROSOPOPÉIA

Todos os fenômenos parapsicológicos, quando se manifestam, vêm acompanhados de prosopopéia, isto é, atribuímos êsses prodígios de nossas faculdades inconscientes a demônios, a espíritos dos mortos, a pitões, a fadas, etc. Há prosopopéias fantásticas. Com suas qualidades o inconsciente pode dizer que é o espírito de tal pessoa, porque adivinhou que tal pessoa existiu, viveu. Pode mudar de letra, de voz, de ciência. Pode mudar até de rosto (é a chamada transfiguração), etc.

A prosopopéia de Arigó, por exemplo, não tinha nenhum valor científico. Diz que era um médico da Primeira Guerra Mundial, chamado Adolf Fritz. Porém, quando se lhe perguntava sôbre coisas concretas, família, universidade em que estudou, testamento, etc., Arigó não sabia responder.

Qualquer iniciante em prosopopéia, a partir de Hitler, se está representando um alemão, nos dirá que se chama Adolf. E quanto a Fritz, é o nome mais popular na Alemanha, assim como Franz (agora acaba de aparecer outro curandeiro no Brasil que se diz estar possuído por Franz).

A campanha publicitária afirma que Arigó falava perfeitamente o alemão. Na realidade, após vinte anos de profissão, dizendo estar possuído pelo espírito de um médico alemão, terminou por aprender duas frases, sempre as mesmas, nessa língua. E falava com sotaque alemão. Ajudado por uma propaganda tendenciosa, ultimamente

descreveu também alguma cidade alemã, porque lhe ensinaram ou porque viu em cinema.

Porém, não falava, nem entendia alemão... As duas frases, a pronúncia alemã, a descrição de alguma cidade alemã e uma forte propaganda ocultavam muito bem a realidade dêsse homem pobremente dotado de faculdades parapsicológicas, se é que tinha algum dom parapsicológico...

Prosopopéias simplistas ou simples como a de Arigó são freqüentes. Qualquer fenômeno é interpretado sem mais pesquisa como sendo encosto de um espírito ou como sendo possessão demoníaca ou como se houvesse reencarnação. Mas outras vêzes, repetimos, há prosopopéias realmente maravilhosas. O inconsciente é capaz de apresentar prosopopéias com "argumentos" que impressionam. É por isso que diremos alguma coisa mais a respeito destas prosopopéias mais clássicas (demônios, espíritos, reencarnação) que têm enganado tantas pessoas. Estudaremos estas prosopopéias ao resumir a escola teórica.

3. MANCIAS

A Escola Eclética da Parapsicologia estudou tôdas as técnicas, ou pragmáticas, ou maneias: astrologia, quiromancia, cristalomancia, cartomancia... Foram estudadas durante muitos anos. Tôdas elas não são nada mais que a técnica para que o inconsciente se inspire. Não são os astros, nem as cartas, nem a bola de cristal, senão o inconsciente com suas faculdades parapsicológicas que alguma vez pode adivinhar e dizer o que vai suceder (e muitas outras vêzes, equivocar-se, porque o inconsciente não tem regras fixas em suas manifestações).

A astrologia (melhor seria dizer astromancia) não tem quase nenhum valor científico. É meramente um jô-

go de sociedade. É verdade que os astros, o clima, certos magnetismos podem influir no caráter, na saúde; no entanto, somente é um fator mínimo a ser considerado. Também a hereditariedade influi, assim como a alimentação, a medicina, a educação, os critérios, e o meio-ambiente, etc., e além do mais a vontade e liberdade humanas. Que tudo dependa dos astros com dizem os astrólogos, é verdadeiramente inadmissível e anticientífico.

O mesmo podemos dizer com respeito à quiromancia. Sábios que se dedicam anos e anos a estudar, concluem somente alguma coisa (é a quirognomia). Que pode concluir um ignorante lendo nas linhas da mão?

O que pode suceder é que o inconsciente se inspire com as linhas da mão, ou com as cartas, ou com os astros, ou com a bola de cristal, ou com qualquer outra maneia, e adivinhe por HIP, ou por telepatia, ou por clarividência... (ou se engane muitíssimas vêzes...).

SHACKLETON, CROISET, STEWART..., os grandes dotados, estudados nos laboratórios da Parapsicologia mundial se enganam muitíssimas vêzes. Os adivinhos acertam algumas vêzes, se equivocam outras. Os curandeiros curam alguma vez, outras vêzes matam. Os "dotados" não podem ser deixados sozinhos, devem estar sob a responsabilidade de um teórico.

4. SUBJUGAÇÃO TELEPSÍQUICA

FEITIÇOS

Os feitiços, com a explicação ou no sentido popular, não existem... Ninguém pode nos fazer dano pela força do pensamento, ou por métodos mágicos, etc. Mas alguma pessoa que acredite no feitiço se é sugestionável e dotada de faculdades parapsicológicas, pode ser vítima de sua própria superstição.

Vejamos um exemplo, recentemente observado por um padre capuchinho, que omite nomes por causa de um juramento.

Uma senhorita, na Itália, estava para casar-se. O noivo, porém, nas vésperas do casamento, a deixou. A senhorita decidiu vingar-se e foi visitar uma bruxa, uma feiticeira. A bruxa lhe deu rigorosas recomendações. "Pegue um sapo, meta-o num frasco, enterre-o sexta-feira, às doze da noite, lua cheia, etc., etc.".

O capuchinho perguntou de quem se tratava. Ao saber empalideceu.

— Porém filha, eu acabo de dar a extrema-unção a êste homem.

— Não se preocupe, padre. Não vai morrer. Estou arrependida e soltei o sapo. A feiticeira disse que o sapo continuará a viver, estamos tratando bem dêle.

O padre foi ver o tal noivo, que estava muito enfêrmo. Reunira-se uma junta de médicos, que não soube diagnosticar a enfermidade. O homem não tinha nada, mas não resistia. Sufocava e morria aos poucos.

No dia seguinte, e para grande surprêsa dos médicos, o homem começa a reagir.

O padre Balcucci, um sacerdote italiano, que não entende suficientemente de Parapsicologia, ao contar êste caso num famoso livro, diz: "O sapo não pode ser o responsável por tudo, porque de onde terá forças para fazer estas coisas? Por conseguinte, tem que ser o demônio".

Esta é a interpretação mais simplista, menos científica, "ao gôsto do consumidor". Acontecendo na Itália, em ambiente católico, colocà-se a culpa no demônio, quando o demônio não tem nenhuma culpa no caso. No Brasil, culpam-se os espíritos dos mortos.

Na realidade, é a má intenção daquela senhorita ou a má intenção da feiticeira que é captada por telepatia, pelo inconsciente do noivo. A má intenção é captada pelo inconsciente da vítima. Em casos muito especiais, o próprio inconsciente se volta contra o próprio organismo, o inconsciente tem um poder despótico sobre o organismo. Quando capta, "não pode respirar, o fígado não pode funcionar, o coração começa a enfraquecer, os pulmões não funcionam...", é o inconsciente que está matando a vítima. Não é propriamente a senhorita ou a feiticeira. É a própria vítima que está se matando a si mesma, por haver captado telepàticamente a má intenção (o que se dá em pessoas muito especiais). Nosso inconsciente é o culpado.

Aliás, para que o feitiço surta efeito, a pessoa tem que ser dotada, acreditar cegamente que os responsáveis são os demônios, os espíritos dos mortos, etc., contra os quais não tem defesa. Há de ser tão raro, tão quebrado psiquicamente, ter perdido, tanto o instinto de conservação, que o inconsciente possa se voltar contra o próprio organismo.

No Brasil, por exemplo, os espíritas carregam, como êles dizem, uma "figa" feita de um pedaço de madeira ou de ouro, pendurada ao pescoço. A madeira ou o amuleto de ouro nada podem, porém a confiança que depositam na "figa" vale muito, porque o feitiço deve ser captado por telepatia, vem de fora; em quantidades mínimas; contra o instinto de conservação... E êste contrafeitiço vem de dentro, em grandes doses, a favor do instinto de conservação... Não há luta. Para que o feitiço surta efeito, tem que acontecer no próprio feiticeiro ou em pessoas especialíssimas... -

Outra coisa é com os animais pequenos e com as plantas (o famoso "mal-olhado"). Já conhecemos a te-

lergia, essa energia física exteriorizada pelo homem. A telergia pode influir em pequenos animais inclusive matando-os e nas plantas murchando-as. Mas não influi no homem. O homem poderia chegar a sentir um pequeno sopro, ou como máximo, um contato suave e rápido. E assim mesmo, isso é difícil. Nas experiências realizadas pelos especialistas, ou nas observações dos casos espontâneos, por exemplo nas mal chamadas "casas assombradas", é típico que o objetos movidos pela telergia (casos de telecinesia) esquivem ao homem, como que repelidos pela própria energia do observador. Algo assim como a repulsão magnética de pólos do mesmo signo. Ou será que o homem normal não pode absorver a telergia? Uma pedra que voa numa casa mal-assombrada, não bate nas pessoas presentes a não ser de rebote, quando já abandonada pela telergia.

É supersticioso ter mêdo dos feitiços.

5. DÉJÀ VU

Esta sensação "déjà vu" (costuma-se usar a expressão francesa), "eu já tenho visto isto", "eu já estive aqui", é um fenômeno muito freqüente e a Parapsicologia tem feito muitas investigações para que a Psicologia e a Psiquiatria compreendessem o fenômeno. Antes da Parapsicologia, havia um êrro comum na Psiquiatria, ou Psicologia geral: dizia-se que as situações "já vistas" eram indícios de tendência psicótica.

Algumas vêzes, a sensação do "já visto" é de fato tendência psicótica, mas muitíssimas vêzes, não têm nada a ver com a psicose.

É um fenômeno comum, corrente e freqüentíssimo. Nem todos tendem para a psicose... Sua origem depende de vários fatores. Algumas vêzes hão presenciamos cons-

cientemente aquêle acontecimento, mas na infância tivemos uma sensação inconsciente. Levaram-nos no colo materno a um entêrro, enquanto dormíamos. A sensibilidade do inconsciente está sempre recebendo dados que o consciente não percebe, até uma criança na vida intra-uterina, trinta anos depois, ou talvez mais, vamos àquele lugar. O lugar é uma espécie de pergunta implícita do inconsciente. "Quando vim aqui?" E surge a sensação de que "eu já estive aqui", "eu já vi isto".

Outras vêzes é a faculdade HIP, que já conhecemos. Uma pessoa, vendo pela primeira vez o Japão, disse: "Eu já estive aqui". Nunca havia estado no Japão, porém um dia, por exemplo, estivera ao lado de um homem que visitara o Japão. Por HIP, aquela pessoa adivinhou inconscientemente o que êste homem vira. Quando chega ao lugar, o lugar é uma espécie de pergunta implícita ao inconsciente e tem-se a impressão de que já se estêve ali. Na realidade, a pessoa não estêve, porém sentou-se, certa vez, no cinema, ao lado de um senhor que havia estado.

Outras vêzes, pode ser a pantomnésia, a memória do inconsciente, que não esquece nada. Talvez não se viu na realidade, porém se escutou, ou se viu no cinema. Como o inconsciente não esquece nada, volta a sensação de recordação. E assim é na verdade.

Há muitas outras causas, por exemplo, a precognição (a faculdade psi-gamma que conhece o passado, o presente e o futuro). Indo um dia a um aeroporto, vê-se um avião. O inconsciente pergunta o que o inconsciente conhece dos aviões futuros e isso o excita mais, quase chegando ao consciente. Algum tempo depois, vendo um modêlo dum avião que se acaba de inventar, tem-se o sentimento de que "eu já vi" êste avião... Não foi visto, mas há a recordação de uma precognição que se teve trinta anos antes.

Há outras causas mais: paramnésia, distúrbio psíquico chamado "recordação do presente", clarividência, sugestão telepática, etc.. A única causa que não tem base científica é a que é preconizada pelas superstições: o vi em "reencarnação" anterior (!?).

Para a exposição das escolas materialista e espiritualista, servimo-nos muitas vêzes, como se terá observado, dos trabalhos realizados pelos europeus, isto é, pelos representantes da escola eclética. Podem ser enquadrados dentro de uma das escolas, materialista ou espiritualista, conforme cada caso. Esta terceira escola aproveita e estuda os trabalhos de ambas.

CAPÍTULO V

ESCOLA TEÓRICA

Dentro da escola eclética, deve destacar-se o aspecto teórico. Poderíamos também considerá-lo como uma escola à parte. É trabalho preferentemente teórico: compilação, revisão, análise, classificação, dedução de conseqüências e implicações, etc., das experiências e observações das outras escolas.

Para concretizar, assinalemos o aspecto "dedução de conseqüências e implicações", que acabamos de citar. Um numeroso grupo de parapsicólogos, estudando todo o conjunto de fenômenos, quer extrair conseqüências de ordem filosófica ou especulativa. Assim temos, por exemplo, na Alemanha, a fundação de uma associação, em 1951, pelo Dr. JOSEPH KHAL e pelo abade cisterciense ALIS WIESINGER. Esta associação publicou a revista "Fé e Ciência" e agora a revista "Mundo Oculto". No ano 1958 esta associação organizou o Primeiro Congresso Internacional de Parapsicólogos Católicos. Estuda-se a relação da Parapsicologia com os milagres, a mística, as revelações, as profecias, a espiritualidade da alma, sobrevivência da alma, etc.

1. FENÔMENOS SUPRANORMAIS

A escola teórica se dedica a analisar também os milagres (fenômenos supranormais ou sobrenaturais).

Vejamos alguns exemplos: Há um fenômeno que já conhecemos, a xenoglossia. Hoje sabemos que o nosso inconsciente pode falar línguas estrangeiras perfeitamente. Com freqüência, um analfabeto pode falar línguas estrangeiras. É o que chamamos xenoglossia. Hoje conhecemos a xenoglossia e sabemos até onde chegam seus limites humanos. Nunca, em nenhum ambiente, em nenhuma parte do mundo, em nenhuma época, alguém falou ao mesmo tempo duas línguas. E nunca houve xenoglossia entendida por duas pessoas ao mesmo tempo em suas línguas diferentes. Isso é humano, parapsicológico.

Em contexto nitidamente religioso nos encontramos com os casos de S. Francisco Xavier, dos apóstolos, dos Coríntios ... S. Pedro, no dia de Pentecostes, falou ao mesmo tempo 18 línguas diferentes e não somente para duas pessoas, mas para milhares. Como diz a Escritura, somos feitos à imagem e semelhança de Deus, porém muito limitados. Deus não tem os nossos limites...

Não podemos conhecer o passado, o presente, o futuro. É uma faculdade demonstrada estatística e matematicamente, pela escola norte-americana, faculdade essa que se chama psi-gamma. Esta faculdade de conhecimento aprende o passado, o presente e o futuro, numa margem de dois séculos. Diretamente, não sai daí. No entanto, na Bíblia encontramos profecias com séculos e séculos seguidos de antecedência. Tôda a história do povo hebraico é, diríamos, em macrocosmos, a vida de Cristo em microcosmos. As profecias explicam com tôda a espécie de detalhes, como se chamaria o Messias, como viveria, seus amigos, sua família, em que cidade nasceria, como morreria. Temos até detalhes insignificantes: que iriam atravessar seu costado com uma lança, que não lhe quebrariam nenhum osso, que lhe dariam uma esponja com vinagre, que rasgariam suas vestes, mas que rifariam sua

túnica. Detalhes que parecem insignificantes foram anunciados com precisão, com séculos e séculos de antecedência. Cinco séculos antes do nascimento de Cristo se encerram as profecias. Nós, nem sequer podemos superar, dois séculos, entre passado e futuro.

Cientificamente, não podemos negar a verdade histórica destas profecias, que eram conservadas em milhares de manuscritos e em milhares de sinagogas. Negá-las? Seria mais anticientífico que negar a existência de Roma, de Cícero, de Demóstenes, das guerras púnicas. Não existe nenhuma verdade histórica mais cientificamente provada que a das profecias bíblicas. E superam nitidamente o conhecimento do futuro de que o homem é capaz. Trata-se de Deus, é fenômeno sôbre-humano.

Em todo tipo de fenômenos podemos distinguir o milagre do fato natural. Um curandeiro poderá fazer uma pequena operação, diagnosticar à distância, receitar um remédio que não existe, mas que vai ser descoberto (por conhecimento do futuro), mas nenhum curandeiro, em época alguma, em nenhuma parte do mundo, curou um homem leproso, ressuscitou um morto. Analisando a verdade histórica dos Evangelhos, vemos que Cristo curou ao mesmo tempo, na mesma ocasião, a dez leprosos, de longe. Ressuscitou mortos, o filho da viúva de Naim, a filha de Jairo, o seu amigo Lázaro, que estava enterrado havia quatro dias (se não estivesse morto, morreria asfixiado em três minutos, por causa dos lençóis em que fôra enrolado e dos aromas com que o embalsamaram). Cristo anunciou que ressuscitaria a si mesmo e o fêz em desafio. Depois de crucificado, com o costado atravessado pela lança, embalsamado... Somos feitos à imagem e semelhança de Deus, porém somos limitados. E o milagre não tem limites.

Comprovações modernas de verdadeiros milagres as temos, por exemplo, em Lourdes. Existem observações científicas de médicos, de parapsicólogos, de consulta internacional. Vejamos um exemplo, cientificamente, comprovou-se que haviam cortado dez centímetros de osso da perna de uma senhora. Cansada de balançar a perna, foi a Lourdes. Recebeu a bênção do Santíssimo e ficou curada. Foi ao consultório médico, o osso que faltava retornara. Os médicos não encontraram explicação normal, nem patológica. O caso passa ao primeiro grupo de parapsicólogos: não tem explicação em Parapsicologia. Passa ao segundo grupo de parapsicólogos em consulta internacional: não tem explicação em Parapsicologia. Nem o ectoplasma, nem o "aporte" parapsicológico podiam explicar aquêle fato. O osso superior ou o inferior do "enxertado" é, diríamos, "reticular", duro por fora e mais ou menos ôco por dentro: mas o osso milagrosamente "enxertado" é maciço.

Com tôda a sorte de análises, se demonstra que é osso humano, possui todos os componentes químicos do osso humano.

Assim, poderíamos ir analisando um por um dos fenômenos parapsicológicos, como o faz a escola teórica. Somos maravilhosos, porém limitados, Uma das diferenças entre o parapsicológico e o milagroso é a diferença abismal entre o finito e os reflexos do infinito. Esta é uma das características: poderíamos falar de outras mais.

Tudo isso para prescindir dos fenômenos intrinsecamente humanos, porém extrinsecamente divinos. Cristo, por exemplo, quando adivinhava o pensamento dos seus discípulos ou dos fariseus, ou quando anunciava como e o que encontrariam adiante e o que diriam; quando curava certas enfermidades puramente funcionais, etc., certamente podia servir-se da telepatia ou da sugestão. Basta uma

explicação natural. Não se deve explicar sobrenaturalmente o que se pode explicar naturalmente. Muitos (não todos) dos prodígios de Cristo eram naturais, intrinsecamente considerados.

Aquêles prodígios, porém, Êle os realizava sem preparativos, sem transe, sem esgotamento nervoso, com plena segurança, à luz do dia, em desafio, sem inibições, quando queria e como queria, até os limites máximos, isto é, como senhor. Somente Deus é senhor das forças parapsicológicas. Extrinsecamente considerados, aquêles prodígios também eram milagres, também demonstram a intervenção divina.

Talvez um ou outro fenômeno que, no estado atual da ciência é considerado milagre, na ciência do futuro possa ser explicado naturalmente. Talvez uma ou outra relação de um caso concreto, inexplicável naturalmente, pode demonstrar-se algum dia que não foi realidade histórica, mas lenda ou exagêro...

Isso sucede em qualquer ramo da ciência. Uma ou outra experiência concreta pode depois ser refutada ou superada. Mas o fundamental é científico, é verdadeiro, devemos guiar-nos pela ciência.

Também na Parapsicologia (e concretamente, no estudo dos fenômenos supranormais) pode haver uma ou outra refutação ou superação, mas o fundamental é verdadeiro, é científico. Seria muito anticientífico e apriorístico não se guiar pela ciência neste aspecto, por problemas pessoais...

2. SUPERVIVÊNCIA

O tema da supervivência do espírito, depois da morte, depois da desanimação do corpo (no sentido etimológico

mais estrito da palavra desanimação) se estuda com especial atenção em Parapsicologia. Em Durhan, por exemplo, desde 1962, quando com o Fundo Mac Dougal se inaugurou a Fundação para a Investigação da Natureza do Homem. Já no Congresso Internacional de Parapsicologia de Saint Paul de Vence (1954) os parapsicólogos filósofos determinaram a espiritualidade das faculdades psíquicas. Nos EE.UU. se fundou a Psychical Research Foundation, em abril de 1961, com colaboração internacional (presidente Dr. Pratt, da Universidade de Duke, EE.UU.; vice-presidente, Dr. Price, da Universidade de Oxford, Inglaterra). Publicam o boletim "Theta", da palavra grega "thánatos" (morte), no qual estudam os argumentos científicos, do ponto de vista parapsicológico, sôbre a questão da sobrevivência.

A sobrevivência é uma dedução lógica da espiritualidade da alma. Efetivamente, eis aqui um esquema do raciocínio mais típico: dado que existe no homem um efeito espiritual, é necessário haver uma faculdade espiritual (Psi-Gamma). Pois bem, uma potência espiritual (alma) não pode ser destruída, corromper-se ou deteriorar-se. A alma espiritual, somente poderia não ser eterna por aniquilação. Mas, para aniquilar, necessita-se de idêntica fôrça que para criar. Criar é fazer algo do nada e aniquilar é fazer de algo nada. Somente um poder infinito, somente o poder de Deus pode aniquilar, como somente o Criador pode criar. As forças naturais somente podem modificar e transformar, nunca criar ou aniquilar.

Por conseguinte, a sobrevivência é uma verdade que se confirma logicamente por êste descobrimento científico experimental das faculdades espirituais do homem.

3. ESPIRITISMO

COMUNICAÇÕES COM O ALÉM?

Outra das principais conclusões da parapsicologia teórica é a confirmação de que não há comunicação natural entre os vivos e os mortos. Nem os vivos têm fôrça para intervir no mundo dos mortos, nem os mortos têm fôrça para intervir no mundo dos vivos. Alguns casos ao longo da história, muito raros, serão fenômenos que se devam à fôrça divina. Somente Deus pode conseguir esta comunicação. A comunicação perceptível seria milagre. A Parapsicologia explica hoje (prescindindo de alguns raros milagres, como as aparições de Lourdes, aliás em um contexto religioso completamente diferente do espiritismo e afins) todos os casos que os teóricos do espiritismo, ou os defensores das aparições de almas do purgatório, etc., chamam "provas de identidade", "provas" de que o fato se deveria a um "espírito desencarnado".

E a Parapsicologia, em sua escola teórica, não somente explica todos os fatos supostamente espíritas como sendo parapsicológicos dos vivos, mas também demonstrou que não podem explicar por intermédio dos mortos. As experiências e os fatos que motivam esta segunda afirmação são muitos e variados. A experiência mais fácil de se entender, apesar de hoje estar em desuso, é a da "frase-contrôle" ou "experiência do envelope".

Por exemplo, Monteiro Lobato deixou, pouco antes de morrer, com o Dr. Godofredo Rangel, uma "frase-contrôle"' em um envelope fechado e lacrado. Ninguém, a não ser o próprio Monteiro Lobato, conhecia por vias normais a frase. Tinha interêsse em vir depois de morto comunicar a frase-contrôle, se pudesse comunicar-se com os vivos.

Algum tempo depois da morte do escritor, o inconsciente de um conhecido psicógrafo de Minas Gerais terminou as obras de Monteiro Lobato. O mesmo estilo, as mesmas idéias... porém faltava a frase-contrôle que Monteiro Lobato havia deixado, precisamente para servir de comprovante de que o escritor das obras "póstumas" era seu próprio espírito desencarnado. As obras se deviam, pois, às forças parapsicológicas do inconsciente do vivo.

Êste tipo de experiências, clássico no tempo da metapsíquica (Myers, Hislop, Lodge, Hugdson, etc.), poderia prestar-se a conclusões erradas se houvesse algum resultado positivo. O inconsciente dos vivos é capaz de "adivinhar" a frase-contrôle do envelope por várias vias parapsicológicas. Não obstante o resultado foi sempre negativo, a frase-contrôle nunca apareceu até agora.

Hoje, para evitar êste possível êrro, a experiência do envelope nas escolas teóricas de Parapsicologia modificou-se. Agora a experiência se faz com símbolos interpretáveis por máquinas eletrônicas. Continua sem aparecer a "assinatura" do espírito do além.

Espontaneamente, realizam-se experiências semelhantes. Os teóricos do espiritismo tornaram famosíssimo o caso de Dickens. Depois da morte do poeta, o inconsciente de um médium terminou um livro inacabado. Identidade de estilo, de personagens ... "Era o próprio Dickens, escrevendo depois da morte", diziam. Contudo, posteriormente, encontraram-se alguns manuscritos de Dickens, nos quais projetavam o esquema que devia seguir-se na continuação do romance: nada tinha que ver com a composição do médium... (Se o inconsciente do médium tivesse manifestado um conhecimento paranormal dêste esquema, quantos haveriam de tomar a coisa como "prova absoluta" de intervenção do além!)

A escola teórica conta com outros muitos tipos de r> periências, além de inumeráveis argumentos de tipo espt culativo na ordem dos fatos.

E A ORAÇÃO?

Em nossas relações com os mortos surge um problc ma transcendente: a oração. Na oração, não é própria mente o vivo em comunicação com o morto. É o vivo qu pede a Deus por intercessão dos santos e pelos mérito dos santos, que lhes conceda o que pede. Colocamos po intercessores nossos advogados, nossos irmãos maiores qm nos precederam na fé. As orações aos santos não são pi ò priamente uma comunicação com o morto, mas com Deus E quando um santo nos concede um favor, não é o santi que interfere neste mundo (porque não pode). É Deus por intercessão ou pelos méritos do santo. A comunica ção do ali com o aqui, somente Deus pode fazê-lo.

Outro aspecto a considerar, são as chamadas "apari-ções". Não há dúvida de que muitíssimas aparições qu< aconteceram ao longo da história, como sobrenaturais milagres, foram, na verdade, meramente aparentes. Assin como o espírita crê que se comunica com o morto, assim muitos católicos crêem que se comunicam com os mortos com as almas do purgatório ou com algum santo. Estãc equivocados. A prosopopéia do católico é dramatizar comc comunicação com um santo, com a Santíssima Virgem com Jesus Cristo. O espírita constrói a prosopopéia da comunicação com os espíritos dos mortos, o ocultista fará a prosopopéia da comunicação com as larvas astrais, os antigos romanos e gregos acreditavam que se comunica-vam com os pitões, etc. São prosopopéias, falsos milagres, não milagres verdadeiros.

VISÕES E APARIÇÕES

Porém, algumas vêzes, Deus faz um milagre, como é o caso de Lourdes ou de Fátima. Nas visões que aquêles jovens tinham da SS. Virgem, era realmente a SS. Virgem que aparecia? Não: Êles acreditavam ver a SS. Virgem. Porém, o fenômeno como tal, uma alucinação, é natural. É preciso ver se essa alucinação é meramente natural ou se é instrumento de Deus, ou seja, providencial. Podemos explicá-la naturalmente, porém, quem provocou esta alucinação? Foram meras causas psicológicas ou foi a Divina Providência que se serviu de uma coisa natural para que vissem a Virgem? Para decidir que não foi meramente natural, mas uma revelação sobrenatural, necessitamos de um "sêlo divino", de um milagre.

Em Fátima, por exemplo, aconteceu o milagre. Foi anunciado para o último dia, o último 13 de maio, que haveria um grande milagre. Acorreram para Fátima milhares e milhares dè pessoas de todos os lugares e religiões, de tôdas as raças, curiosos e fervorosos de todo o mundo. E de repente, Lúcia apontou para o céu e aquêles milhares de pessoas viram o mesmo fenômeno, o Sol girando.

Evidentemente, o Sol não girou. Se o Sol tivesse girado, isso teria sido visto em tôdas as partes e não somente em Fátima. Logicamente, o Sol não girou. Por conseguinte, foi uma alucinação.

Porém, uma alucinação coletiva de milhares de pessoas é demasiado em Psicologia. Quem sabe e conhece bem Psicologia compreende que não existe uma alucinação coletiva destas proporções. Três ou quatro pessoas, no mesmo ambiente, nas mesmas condições, podem alucinar-se coletivamente, porém isto não acontece com relação a milhares de pessoas. Esta é uma alucinação coletiva provocada por Deus, é sobrenatural. Nós temos alucinações den-

tro de certos limites, mas esta é uma alucinação que rompe completamente os limites naturais. É o sêlo divino para confirmar que a alucinação era providencial, isto é, de origem sobrenatural.

Aconteceram outros milagres em Fátima. E em Lourdes sucederam-se outros, comprovados cientificamente.

4. REENCARNAÇÃO?

O inconsciente adorna suas manifestações, as dramatiza, atribuindo-as a alguém ou a alguma coisa. Uma das prosopopéias ou dramatizações mais freqüentes é como se houvesse reencarnação. E além de invocar a reencarnação como se fôsse a explicação de certos fenômenos, os reencarnacionistas apresentaram outros falsos argumentos de ordem teórica.

Na realidade, se bem estudados, nenhum dos argumentos teóricos e fenomenológicos apresentados a favor da reencarnação têm valor científico.

A reencarnação não foi revelada do "além túmulo". Em primeiro lugar porque, como já vimos, não há comunicação dos mortos com os vivos, trata-se de manifestações do inconsciente, e como tais deixam-se até influir pelo ambiente. Assim, as "revelações" aos espíritas latinos, ou aos teósofos, etc., falam em reencarnação; mas se "os espíritos dos mortos" (na realidade o inconsciente) se manifestam aos espíritas anglo-saxões, é freqüente que ataquem ou ridicularizem a reencarnação. Os espíritas não-reencarnacionistas são chamados davinianos, por ser o anti-reencarnacionista David, o principal teórico do espiritismo não-latino, seguido por milhões de espíritas. Daniel Douglas Home, o mais famoso médium espírita de todos os tempos, recebeu comunicações do "além túmu-

lo"(?) ridicularizando, ao máximo, a teoria da reencarnação. E se "os espíritos dos mortos" aparecem a uma freira, então falam do purgatório, do céu, pedem missa, comunhão, têrço...; e quando se manifestam aos ocultistas lhes falam do mundo astral, e aos antigos gregos e romanos lhes falaram do mundo das sombras, da barca de Aqueronte, e do Cancerbeiro, etc. Não é do além que veio a doutrina da reencarnação; muito menos foi revelada por Cristo ou na Bíblia, como se apregoa nos livros dos reencarnacionistas. Citam, por exemplo, o evangelho de São João, capítulo 3.°, versículo 3.°, quando Cristo disse a Nicodemos: "Em verdade, em verdade te digo, ninguém, se não nascer de nôvo, pode ver o reino de Deus". Mas, na mesma ocasião, quando surpreendido, Nicodemos perguntou como alguém poderia voltar ao seio de sua mãe. Cristo bem claramente explicou que as suas palavras não deveriam ser entendidas em nenhum sentido reencarnacionista, mas na ordem sobrenatural, ao renascer à vida da graça, pelo batismo: "Se alguém não nascer da água e do Espírito". Cristo falava do sacramento do batismo, que São Paulo haverá de chamar mais adiante o sacramento da regeneração; nada de reencarnação.

Citam ainda São João Batista como sendo a reencarnação de Elias... Na realidade Elias, no conceito dos judeus, ainda não morrera: dificilmente poderia reencarnar se ainda não desencarnara.

As frases bíblicas em que se anuncia São João como precursor de Cristo "no espírito" e no poder de Elias (Le 1, 17) não tem nenhum sentido reencarnacionista, quer dizer que São João precederia o Messias com a coragem e as virtudes do antigo profeta. Aliás, o próprio Batista perguntado se êle era Elias que teria voltado, expressamente respondeu: "Não sou Elias" (Jo 1, 21).

Tôda a doutrina de Cristo sôbre a transcendência eterna desta vida, sôbre os sacramentos, a graça, a redenção, etc., contradiz a teoria reencarnacionista. Ao ladrão crucificado com Cristo (quantas reencarnações esperariam um ladrão, segundo a teoria reencarnacionista!), Êle disse: "Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso" (Lc XXIII, 43). A doutrina de Cristo a resume claramente seu apóstolo, quando escreve: "Está estabelecido que os homens morram uma só vez, depois disto se fará o julgamento" (Hbr IX, 27).

O "argumento" das desigualdades humanas, a própria médium espírita Anatole Barthe o refuta: "Que? É para resolver o problema das desigualdades que os espíritos (para os latinos) ensinam a reencarnação? Não sabem que não há dois *seres,* duas coisas completamente iguais na natureza, e que não se podem encontrar nem no espaço imenso e nem ao longe do tempo?... Não é precisamente da diversidade donde nasce a harmonia do universo?

Pessoas nascem deformadas, ou doentes, ou deficitárias física ou intelectualmente... Acaso não há falhas da natureza também nos animais, nas plantas? Aquela árvore retorcida, inclinada, com ramos secos; a ovelhinha que nasceu com duas cabeças morrendo pouco depois, etc., tudo isso é também pela reencarnação?

E em geral, o problema da dor. Seria castigo de imoralidade em vidas anteriores? Que absurdo! Os heróis, os mártires, as vítimas inocentes da crueldade humana, os apóstolos, a Santíssima Virgem ao pé da cruz, o próprio Cristo, seriam até dignos de desprêzo, seriam os sêres mais desprezíveis pois foram os que mais sofreram, o que estaria a indicar as piores e mais imorais existências anteriores ...

Que absurda inversão de valores! É com essa absurda teoria que querem substituir a sublime doutrina cristã sôbre a dor!

Citar casos de pessoas que se "lembram" de vidas anteriores ... É até humilhante que a ciência tenha que perder tempo com êsses "argumentos". Quando não se tratar de meras fantasias, ainda haveria que demonstrar que não se trata, em última análise, nem sequer de retrocognições (conhecimento psigâmico do passado).

Apresentar "lembranças" de vida anteriores como prova de reencarnação supõe muito pouca lógica. Nem sequer poderiam demonstrar que estão se referindo a acontecimentos do passado (quanto menos terem sido vividos por essa mesma pessoa). Porque de duas uma: ou daqueles acontecimentos passados ficam alguns vestígios, ou não ficam. Se ficam alguns vestígios (efeitos, restos arqueológicos, livros que falam daquilo, testemunhas...), antes de pensar em lembranças reencarnacionistas, conhecimentos trazidos de vidas anteriores (hipótese tão contra a experiência geral), haveria que excluir as explicações normais e parapsicológicas de experiência comum relativamente, lógicas, cuja existência está provada com milhões de casos, como, em última instância, seria o conhecimentos parapsicológico daqueles vestígios, ou diretamente do passado.

E se não ficam vestígios nenhum, qualquer caso que se cite de "lembranças" de vidas anteriores não vale absolutamente nada em ciência: pelo mesmo fato de não haver vestígios daqueles acontecimentos, as afirmações são absolutamente incomprováveis, poderiam ser meras invenções do inconsciente.

Enfim, acumular casos de prosopopéia ou dramatização tipo reencarnacionista, de que vale, a não ser para provar a absoluta falta de metodologia científica dos au-

tores de tais antologias? Que volumosas coleções de casos poderiam se fazer com prosopopéias tipo inspiração de musas, tipo possessões demoníacas, etc.! Aquelas coleções não provam a reencarnação, como não provam nenhuma outra realidade: são, somente dramatizações do inconsciente, muito variadas segundo as diversas épocas e civilizações. O cientista deve explicar essas prosopopéias, não simplesmente aceitá-las como correspondendo a uma realidade objetiva pelo simples fato de serem muito numerosas ...

Assim poderíamos seguir. A parapsicologia teórica comprovou que são anticientíficos e absurdos todos osi "argumentos" apresentados em defesa da reencarnação, além dos muitos argumentos que poderiam se citar em contra da reencarnação. A teoria da reencarnação é pura superstição.

5. POSSESSÃO DEMONÍACA?

Defendendo a realidade da possessão demoníaca, argumentam muitos com os fenômenos, com a interpretação de fatos; outras vêzes, se invoca a Sagrada Escritura, a tradição e o Magistério da Igreja em seu Ritual Romano na parte que se refere aos exorcismos.

A ciência, direta ou indiretamente parapsicológica, pode e deve apresentar muitos pontos de análise dêsses "argumentos" fenomenológicos e doutrinários.

A presença do demônio no corpo do possesso se provaria pelo império que êle exerce sobre êsse corpo. O famoso padre Surin, exorcizando as endemoninhadas monjas Ursulinas de Loudun, ficou por sua vez "possesso". Assim argumentou êle: "Meu estado é tal que me restam muito poucas ações que eu seja livre. Se quero falar, a mi-

nha língua é rebelde; durante a missa, vejo-me constrangido a parar de repente; à mesa, não posso levar os alimentos à bôca. Se me confesso, escapam-se os pecados, e sinto que o demônio está em mim como em sua casa, entrando e saindo como lhe apraz".

Não há aqui uma "petitio principii"? Não se supõe o que se trata de provar? Com tal argumento, o mesmo se provaria a possessão pelo demônio, ou pelos espíritos dos mortos, ou por qualquer entidade que queiramos inventar; ou pelo poder hipnótico de outra pessoa ou pelo próprio inconsciente. E estas últimas interpretações, que se podem reduzir a uma só são mais naturais, mais simples e mais lógicas.

No Ritual Romano se lê: Os sinais de possessão demoníaca são: "a) falar uma língua desconhecida..." (mas existe o fenômeno parapsicológico bem provado, da xenoglossia); "b) revelar coisas distantes e ocultas" (mas existe a hiperestesia indireta do pensamento, a faculdade psi-gamma...); "c) mostrar fôrça superior à idade ou costumes" (mas existe o hiperdinamismo ou sansonismo. Simplesmente um louco num ataque de fúria dificilmente se pode segurar. Em circunstâncias parapsicológicas, o organismo pode desenvolver uma fôrça comumente insuspeitada); "e outros sinais semelhantes, que quanto maior em número, tanto mais são os indícios de possessão" (mas são tantos e tão incríveis os fenômenos parapsicológicos, hoje tão conhecidos e demonstrados...).

Os argumentos do Ritual Romano, hoje, ante a Parapsicologia, nada provam. O que se pode explicar naturalmente, segundo o próprio magistério eclesiástico não se deve explicar sobrenaturalmente.

Por outro lado o Ritual Romano nesse ponto não obriga os católicos a concordar com a doutrina que estaria implícita na possessão demoníaca, porque na bula de pro-

mulgação, expressamente se diz que "se exorta" a aceitá-lo, mas não se impõe à Igreja Universal.

Na Bíblia: ao observador científico, já de início, chama a atenção que em todo o Antigo Testamento não há nenhum caso de possessão demoníaca (ao menos claro). E em contraposição há muitíssimos casos no Nôvo Testamento, quando historicamente sabemos que foi nessa época, quando a cabala levou aos hebreus a terminologia do mundo greco-romano. Os gregos e romanos atribuíram ao "demonium" de sua mitologia certos fenômenos parapsicológicos ou meramente misteriosos dentro do âmbito atual da Psiquiatria ou Psicologia. Os judeus confundiram o "demônio", com o demônio bíblico, com os anjos rebeldes. Cristo, os apóstolos, o Nôvo Testamento, logicamente, usaram a terminologia de sua época, não entraram em explicações científicas, que os ouvintes não haviam de compreender (a Bíblia não corrigiu nenhum êrro científico de sua época: não era essa sua missão).

O caso de possessão mais notável é o endemoninhado de Gerasa (Mc V, 1-17). Torna-se difícil dar ao caso uma explicação demoniológica, ao passo que, numa explicação parapsicológica, o fato se torna bem claro.

"O endemoninhado, vendo Jesus de longe, correu e prostrou-se diante dêle, gritando em alta voz: 'Que queres de mim, Jesus Filho de Deus Altíssimo?'"

Tornou-se o demônio propagandista da causa de Cristo? Mas desaparece o problema considerando que manifestava o que parapsicològicamente conheceu ou captou no próprio pensamento de Cristo.

"Perguntou-lhe Jesus: 'Qual é teu nome'; êle responde: 'Legião é o meu nome, porque somos muitos'".

Ora, discutiríamos a possessão por um demônio, mas por uma legião... Cientificamente, "legião" é a lógica

megalomania compensadora de um psicopata que tem sido expulsado da cidade porque o consideravam endemoninhado.

"Manda-nos para os porcos para entrarmos nêles", suplicariam os demônios por bôca do "endemoninhado".

Os demônios, puramente espíritos, sem corpo ou matéria de nenhuma classe, necessitam de albergue? Passam frio no inverno? Molham-se quando chove?

Tal atitude é muito conhecida em patologia psiquiátrica. Diz, por exemplo, o dicionário de Psiquiatria (An-'1 toine Porot): "Nessa realização expressional o simulador de boa-fé, que é o histérico, constrói seu sintoma e imita a enfermidade como o concebe... a opinião pública". A opinião geral era de que o demônio precisava de albergue.

Termina o Evangelho de São Marcos (V, 13): "... e a manada, de uns dois mil porcos, precipitou-se no mar, e afogaram-se".

Se os demônios queriam um albergue, porque lançaram os porcos ao mar, perdendo sua morada recentemente adquirida? Mas o energúmeno por telecinesia ou também por influxo psíquico poderia atuar sôbre um ou dois porcos. Logicamente estes se assustam e o pânico surge como no estouro da boiada, do cardume, dos pássaros, etc.

Todos os casos da História, bíblicos ou pós-bíblicos até os mais célebres, como as endemoninhadas de Loudun, a "endemoninhada" Cafre, os irmãos Pausini, o cemitério de São Medardo, os "endemoninhados" de Ilfurt, a jovem Cassina Amata, etc., são realmente simples de explicar-se científica e parapsicològicamente e resultam ilógicos e absurdos na interpretação demoniológica.

O ataque convulsivo que fêz considerar "endemoninhados" a tantos enfermos, é perfeitamente conhecido pela Psiquiatria moderna e Parapsicologia como um fenômeno

patológico relativamente freqüente, que costuma acompanhar certas manifestações de fenômenos parapsicológicos.

ANTOINE POROT, doutor em Psiquiatria, descreve assim: "As crises ou ataques mostram a brusquidade e as descargas rítmicas da epilepsia, consistem numa agitação desordenada, tumultosa, de contorsões, repulsões, e atitudes extravagantes. A crise se entremeia, muitas vezes, com agitação verbal, gritos, risos, choros, lamentações ou ataques".

"Os espasmos e as contrações localizadas, muitas vêzes, podem ocasionar falsos pés contrafeitos, defesas falsas da parede abdominal (pseudo-apendicite), encurvamentos vertebrais (camptorcomía) e inclusive, em algumas ocasiões, pseudo-embaraços." (Compare-se com o "endemoninhado" em Lc XIII, 10-16.)

"A função de linguagem pode parecer suspensa (afonia ou mutismo histérico)." (Compara-se com o endemoninhado de Mt XII, 22 ss.)

"As anestesias histéricas são clássicas. As funções sensoriais podem parecer inibidas (pseudo-cegueira, pseudo-surdez), se percebem pela persistência de curtos reflexos, como o cócleo-palpebral."

O Doutor HENRI PIERON, psicólogo, por citar outro exemplo, adverte sôbre um detalhe muito sintomático: "Temos que acrescentar o fato importante de que quase nunca se desenvolvem no silêncio e no secreto, mas ao contrário tratam de impor-se... à atenção dos circunstantes, de captar o interêsse; e a solicitude que despertam e lhes serve de reforço. Além disso, tôda manifestação dessa natureza, oculta um valor simbólico, uma significação expressa, cujos móveis e mecanismo diversos nos revelará a patogenia".

Enfim, o tema é amplíssimo... temos indicado somente poucos e breves inícios de explicação. A "possessão demoníaca" não é mais que uma prosopopéia a mais entre tantas e tão diversas, segundo as diversas épocas e povos.

6. CIÊNCIA E RELIGIÃO

A Parapsicologia estudou os milagres, os espíritos, uma série de fenômenos que não entravam na metodologia, clássica, na tradicional anticiência exclusivamente materialista. E o estudo do espiritismo, da demonologia, dos milagres, o estudo de muitas coisas de Parapsicologia está relacionado com a Igreja.

É necessário precisar um êrro muito difundido em tôdas as partes, até em pessoas muito cultas que não se especializaram neste campo concreto. Há muita gente que crê que religião não é ciência. Separam radicalmente fé e ciência. Devemos ter uma fé racional. Nossa cultura em outros campos não nos pode irracionalizar, precisamente na coisa mais importante, na transcendência, naquilo que nos une a Deus. Se quisermos ser científicos em nosso proceder, em nossa profissão, devemos ser científicos também em nossa religião. Ser católico por herança é um mal generalizado hoje em dia. Há muitos católicos irracionais, absolutamente; cultos nas coisas dêste mundo, anticientíficos nas coisas transcendentais,

É necessário provar cientificamente que a Revelação aconteceu, confirmada por milagres, que revelou isto e não aquilo. Isso pertence à ciência. A interpretação da Revelação é trabalho arqueológico, trabalho histórico, trabalho de hermenêutica, trabalho de comparação de textos, é trabalho científico.

É à ciência que pertence, através de um estudo profundo, separar do catolicismo a superstição, o espiritismo, o teosofismo, o ocultismo e outras tantas interpretações cientificamente equivocadas de fatos, muitas vêzes reais. Verdades como a espiritualidade da alma, não somente cremos pela Revelação, mas também as podemos confirmar por outros argumentos científicos. Hoje, até a Parapsicologia da escola russa aceita a espiritualidade da alma. A parapsicologia russa compreendeu que o homem tem faculdades espirituais a serem estudadas, por exemplo, a telepatia. A sobrevivência da alma vem pela fé na Revelação, mas nós a podemos descobrir também, por meio da ciência. Quanto mais argumentos científicos possuirmos, mais racional se tornará nossa fé.

Por isso, convém à religião o estudo da Parapsicologia. A Parapsicologia resolve dúvidas, elimina cientificamente as superstições, confirma as verdades.

7. PERIGO

Os pesquisadores que têm expressamente estudado o problema são unânimes em afirmar que não se devem fomentar as manifestações parapsíquicas, contràriamente à versão apriorística e um tanto utilitarista dos espíritas, rosacruzes, etc., que divulgam a necessidade de desenvolver as qualidades mediúnicas.

As pessoas que fomentam, direta ou indiretamente, êstes fenômenos, além de criar em tôrno de si um ambiente insuportável por causa desta fenomenologia, são abaladas fàcilmente por transtornos psicofísicos diversos: debilidade nervosa e até crises nervosas violentas, perda da autodeterminação consciente, dupla personalidade, etc.

É lógico que o desenvolvimento normal da atividade humana se efetue no terreno consciente. O inconsciente

é algo desordenado, incontrolável, irresponsável. A atividade humana deve ser o mais consciente, o mais controlada possível. Não podemos avaliar as implicações profundas das manifestações do inconsciente precisamente em sua profundidade parapsicológica.

Os fenômenos parapsicológicos surgem do terreno completamente inconsciente. Tentar fomentá-los é expor-se a fazer-se inconsciente, expor-se a que o inconsciente tome conta, cada vez mais, da personalidade.

Junto com os fenômenos parapsicológicos, pode surgir uma variada gama de traumas latentes. Êstes traumas podiam encontrar-se ocultos, sem atuação, mas com o cultivo da fenomenologia parapsicológica, podem sair à superfície ou, se já eram manifestos, podem reforçar-se e agravar-se.

Para uma pessoa propensa (desajustados, fronteiriços, desequilibrados, neuróticos, etc. ou simplesmente hiperemotivos e hipersensíveis) uma só experiência pode ter conseqüências funestas.

O perigo de contágio psíquico é enorme.

O Doutor A. C. PACHECO SILVA, que foi diretor do Hospício Juqueri em São Paulo, declara: "Em nenhum país do mundo, talvez, a influência nefasta do espiritismo se exerça com tanta intensidade sôbre a saúde mental do povo... No exercício de mais de vinte anos de clínica psiquiátrica em nosso meio, temos observado um sem-número de débeis mentais, sugestionáveis e crédulos, incapazes de um juízo crítico severo, apresentarem surtos delirantes após presenciarem sessões espíritas ou delas participarem".

Levando em conta que esta pessoa influenciada, volta a seu ambiente, existe um perigo a mais. Além de criar em tôrno de si um ambiente insuportável, ocasionado por seu desiquilíbrio psíquico e seus fenômenos parapsicoló-

gicos, poderá contagiar outras pessoas, propensas a tais manifestações. Há perigo de uma reação em cadeia, como aconteceu muitas vêzes, ao longo da história (cultos dionisíacos, agnósticos, ocultistas, bruxaria...). Os fenômenos parapsicológicos podem causar uma verdadeira epidemia psíquica, se fomentados, em vez de sanados.

Nas casas denominadas popularmente "mal-assombradas", é freqüente constatar êste tipo de contágio. As pessoas propensas residentes e visitantes, os simples curiosos unem-se ao causante principal em sua manifestação dos fenômenos e, por sua vez, os levam freqüentemente, a suas casas.

Já no 2.° Congresso Internacional de Ciências Psíquicas (Parapsicologia), celebrado em Varsóvia em 1923, expressou-se o desejo de que em todos os países se proibisse o cultivo dêstes fenômenos. Corroborando a decisão do Congresso, há inúmeras declarações de médicos e parapsicólogos, especialistas no tema da influência da fenomenologia parapsicológica no psiquismo e no organismo dos dotados e testemunhas impressionáveis.

8. UTILIDADE PRÁTICA?

Uma pergunta cuja resposta deve esclarecer, o uso adequado das faculdades parapsicológicas: Se temos estas faculdades que não devemos fomentar, porque "fomentar" os fenômenos parapsicológicos é um atentado à saúde e inclusive à sobrevivência humana" (como disse Tyrrell presidente da Sociedade de Investigações Parapsicológicas de Londres), então, para que as temos? Equivocou-se Deus ao dar-nos um consciente pequeno e um enorme inconsciente? Não deveria ter sido o contrário? A escola teórica nos dá a resposta. Usando uma terminologia bíblica (sò-

mente como terminologia) damos uma breve solução de tão importante problema.

A alma foi criada no "paraíso terrestre".

No paraíso terrestre (tanto se existiu, como se devesse ser alcançado) teríamos uns dons preternaturais, gratuitos, entre êles o da impassibilidade.

A alma para atuar necessita do corpo. No paraíso terrestre, o corpo poderia acompanhar as manifestações da alma sem prejuízo, nem perigo, porque seria impassível. Poderia acompanhar tôdas as faculdades da alma: "conheceríamos sem estudo" dominaríamos os animais, isto é, teríamos faculdades prodigiosas.

As faculdades que a alma tem por criação, as poderia manifestar, porque o corpo poderia acompanhar. Seríamos super-homens com as faculdades da alma e da impassibilidade do corpo.

Mas não chegamos até o paraíso terrestre (o "pecado-original" seria a falta da graça que deveríamos ter alcançado e que por culpa da humanidade não se alcançou e conseqüentemente, também não a impassibilidade); ou se se preferir, saímos do paraíso terrestre.

Perdeu-se ou não se alcançou a impassibilidade preternatural. Mas a alma não podia perder suas faculdades. A uma coisa que tem partes podemos tirar um pedaço e ficar com o resto. Mas, como se tira à alma parte de seus podêres? Não é possível. Se Deus quisesse tirar à alma parte dos seus podêres, ou faculdades, aniquilaria a alma. Deus, assim como não pode fazer uma circunferência quadrada, também não pode tirar partes onde elas não existem. Deus pode aniquilar e criar a alma milhões de vezes por segundo, mas não pode tirar uma parte da alma: a alma não tem partes, é espírito, é simples. Deus pode fazer tudo o que é possível, tudo aquilo cujas notas essenciais se

podem harmonizar, cujas essências são compatíveis, mas não pode fazer uma coisa impossível essencialmente, não pode criar uma contradição. O princípio filosófico da contradição vale também para Deus!

Portanto, as faculdades que a alma tinha (e que podia manifestar) temo-las, todo mundo as tem, embora nem todos tenham a manifestação.

Alguma vez acontece, porém, uma manifestação, um fenômeno parapsicológico. Quando o corpo entra em transe, há um desequilíbrio, a alma como que se manifesta um pouco por uma pequena brecha (psicorragia, por analogia com a hemorragia).

Mas é perigosíssimo. É uma lâmpada de 100 volts (nosso corpo atualmente passível) sôbre o qual se carrega uma fôrça de 800 mil volts (manifestações das faculdades parapsicológicas). Terminaríamos por queimar o organismo: o corpo passível não pôde acompanhar todo o poder que a Parapsicologia tem descoberto na alma.

Mais: "A ressurreição da carne", isto é a recuperação de certa quantidade de matéria do corpo, é uma exigência da supervivência do espírito. Porque, sendo o espírito eterno e precisando o espírito humano de seu corpo para atuar, não pode ficar eternamente frustrado, inútil, sem agir; do ponto de vista da alma a ressurreição é uma exigência, é devida à essência da alma (embora, do ponto de vista do corpo, a "ressurreição do corpo" seja evidentemente um dom preternatural, indevido, gratuitamente concedido por Deus). Pois bem, depois da ressurreição da carne, para que a alma conheça Deus (o natural não pode conhecer o sobrenatural) terá que ter uma entidade sobrenatural, que os teólogos chamam "lúmen gloriae". Mas para que a alma conheça a criação, para manifestar seus podêres que hoje chamamos parapsicológicos, para sermos super-ho-

mens, bastará que se devolva ao corpo ressuscitado as suas qualidades preternaturais, e então, sendo o corpo impassível, poderá acompanhar os podêres da alma, e a alma poderá eternamente manifestar-se sem perigo para o organismo.

9. OUTRAS ESCOLAS

Há outras escolas segundo os aspectos particulares que se estudam. Assim, por exemplo, na Universidade Real de Utrecht, na Holanda, desde 1933 trabalham, principalmente na investigação da personalidade das pessoas que realizam os fenômenos parapsicológicos. Dirige as investigações o Dr. Tenhaeff, que desde 1953 é catedrático de Parapsicologia daquela universidade. O mais famoso sujeito de experimentação em Utrecht é Gerard Croiset, notável clarividente.

E outras escolas especializadas, como as dirigidas pela Universidade Católica de São José em Pittsburg, Filadélfia (EE.UU.), sob a direção do Dr. Carrol B. Nask; a Universidade City College de Nova York, a Universidade do King's College de Halifax, etc.

O Instituto de Investigação do "Centro Latino-Americano de Parapsicologia" de São Paulo (Brasil), dentro da escola eclético-teórica, tem um interêsse especial (mas de nenhum modo exclusivo) em estudar as diferenças entre os fenômenos extra e paranormais com respeito aos supranormais.

CONCLUSÃO

Pensamos ter dado uma idéia geral, muito breve, necessariamente, e incompleta, do QUE É A PARAPSICOLOGIA: maravilhosos poderes do homem muitas vezes supersticiosamente interpretados, muitas vêzes negados aprioristicamente.

Estudamos os fenômenos fundamentais e os que, desde a época da metapsíquica, foram mais estudados que as levitações, bilocações e tantos outros.

Às vêzes, é necessário um maior aprofundamento, inclusive confirmação. Com um trabalho de revisão, classificação e análise do que se fêz até agora, a Parapsicologia moderna, além de classificar os conceitos acêrca dos fenômenos, proporciona o "estado da questão" para futuras investigações e experiências confirmativas.

A investigação parapsicológica confirmou o velho aforismo de BOILEAU: "Le vrai peut, quelques fois, n'être pas vraisemblable", devolvendo ao homem, ao demonstrar suas qualidades internas, o título de REI DA CRIAÇÃO, FEITO À IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS. . .